

CP

BOHEMIA

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL
DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO PESSOAL

Problemas recreativos

QUADRO DE DISTINÇÃO

Sardanápalo, 15 votos — Produção n.º 21

QUADRO DE HONRA

Mefistófeles, Britabrantes, Labina,
Alenitnes e Cagliostro

QUADRO DE MÉRITO

Marquês de Carinhas, Visconde de Cambolh,
Visconde de la Morlière, Diabo Vermelho, Preste João
e Manelik (22), Roldão, Veste-se, Otrebla, Fred-Rico, Novata,
Cruz Kanhoto, Sancho Pança, D. Quichote, Theseu, Fé,
Nazi e Tupin (20), Bastos, Alcion, Fan-Fan e Lumar (19),
Athos, Sardanápalo, Dalton e Augusto (18).

Soluções do n.º 82

1 — Palheta-palhetão, 2 — Falca-falcão, 3 — Bastida-bastidão, 4 — Aceito-aceita, 5 — Garea-garço, 6 — Abatido-abatida, 7 — Kadina, 8 — Pânia, 9 — Aquilino, 10 — Desastres, 11 — Em gado tratarás e medrarás, 12 — Bastos, 13 — Teca, 14 — Avarento ou miserável, 15 — Aviso, 16 — Noli-me-tangere, 17 — Rendedura, 18 — Pegadoiro, 19 — Casaco, 20 — Harpa, ária, rio, pá, a, 21 — Dulcinea, 22 — Lipoma-lima, 23 — Oliva-ova, 24 — Gazola-gala.

Aumentativas

1 — Uma pensão remuneradora foi dada com vontade premeditada — 2.

Visconde de Cambolh

2 — Passei o dia de «folga» numa casa térrea — 2.

Mefistófeles

3 — Travou-se uma discussão acalorada entre a multidão de pessoas — 3.

Roldão

4 — Coloca no «vaso» a «moeda de cobre» — 2.

Roldão

Biformes

5 — Um indivíduo barrigudo e uma mulher gorda com vestidos muito tufados, estavam na Avenida a ver passar o cortejo — 3.

Visconde de Cambolh

6 — Pelo cabo com que se puxam as embarcações para as margens seguia um bicho de seda — 2.

Visconde de la Morlière

7 — Combinada

1.º + ta — Extremidade da âncora
2.º + la — Espécie de torque de madeira
3.º + ta — Canas transversais das parreiras
— Tecido de seda —

Britabrantes

8 — Logógrafo

(À ilustre Lumar)

Numa acácia florida
Estava recem-nascida
Uma ave pequenina, — 1-4-3-2
Mas eis que no céu d'anil
Se desenhou o perfil
Doura ave... de rapina — 1-6-3 6

Vinha acertar uma conta
Ou devolver uma afronta
Que seus pais lhe haviam feito,
E numa voz cheia d'ira
Respondeu qu'era mentira — 5-2-3-6
Toda a desculpa sem geito.

Encheu-se a pobresita
Fez-se 'inda mais pequenita
Cheia de susto a tremer...
Erguendo o biquito aos céus
De si, fez presente a Deus
Sabendo qu'ia morrer.

Sardanápalo

9 — PiTORESCO



Campolide

Cagliostro

(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPAHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO GERAL

SUMÁRIO: Dispensário Anti-tuberculoso do Entroncamento. — Novo Dormitório no Setil. — Notas de Arte. — Consultas e Documentos. — Higiene e a Civilização. — Reservatório de cimento armado em Lisboa-P. — Ateneu Ferroviário. — Pessoal.

Dispensário Anti-tuberculoso do Entroncamento

A inauguração do Dispensário Anti-tuberculoso, com que a Comissão Especial do Fundo de Assistência e o Conselho de Administração da Companhia entenderam dever dotar a laboriosa vila do Entroncamento, foi levada a efeito no dia 10 do passado mês de Maio, com desusada solenidade.

Os festejos que ali se realizaram decorreram com verdadeiro entusiasmo não só por parte da família ferro-viária, mas ainda pelo lado da população civil e militar daquela localidade, todas associadas numa sincera comunhão de sentimentos, o que deveras contribuiu para a grande animação e brilhantismo que os caracterizaram.

De Lisboa, foi a banda do Ateneu Ferroviário na sua máxima força, acompanhada pelo presidente da Direcção daquela prestimosa Associação, Sr. Feliciano Barral e pelo maestro, Sr. Serra e Moura.

Algum tempo antes da chegada do comboio n.º 3, onde viajaram os representantes do

Conselho de Administração e a Comissão Especial do Fundo de Assistência, já a estação estava repleta de ferro-viários e de numerosos elementos da população da localidade que espontaneamente ali afluíram para os receber.

A entrada daquele comboio nas agulhas foi anunciada por uma girândola de foguetes, ao mesmo tempo que as bandas do Ateneu e de Argea executavam o hino do Ateneu Ferroviário.

E, em formatura de muito bom efeito, pela sua excelente apresentação, lá estavam, também, os alunos dos dois sexos da Escola do Entroncamento, com os seus estandartes, acompanhados pelas professoras e professores e pelo director, Sr. Eng.º Antunes, assim como os escoteiros das Oficinas e respectiva banda de música.

Todos ali acorreram para prestar as suas homenagens aos visitantes, primeira manifestação do mais íntimo regosijo e agradecimento pelo que, para todos, representava o melhora-

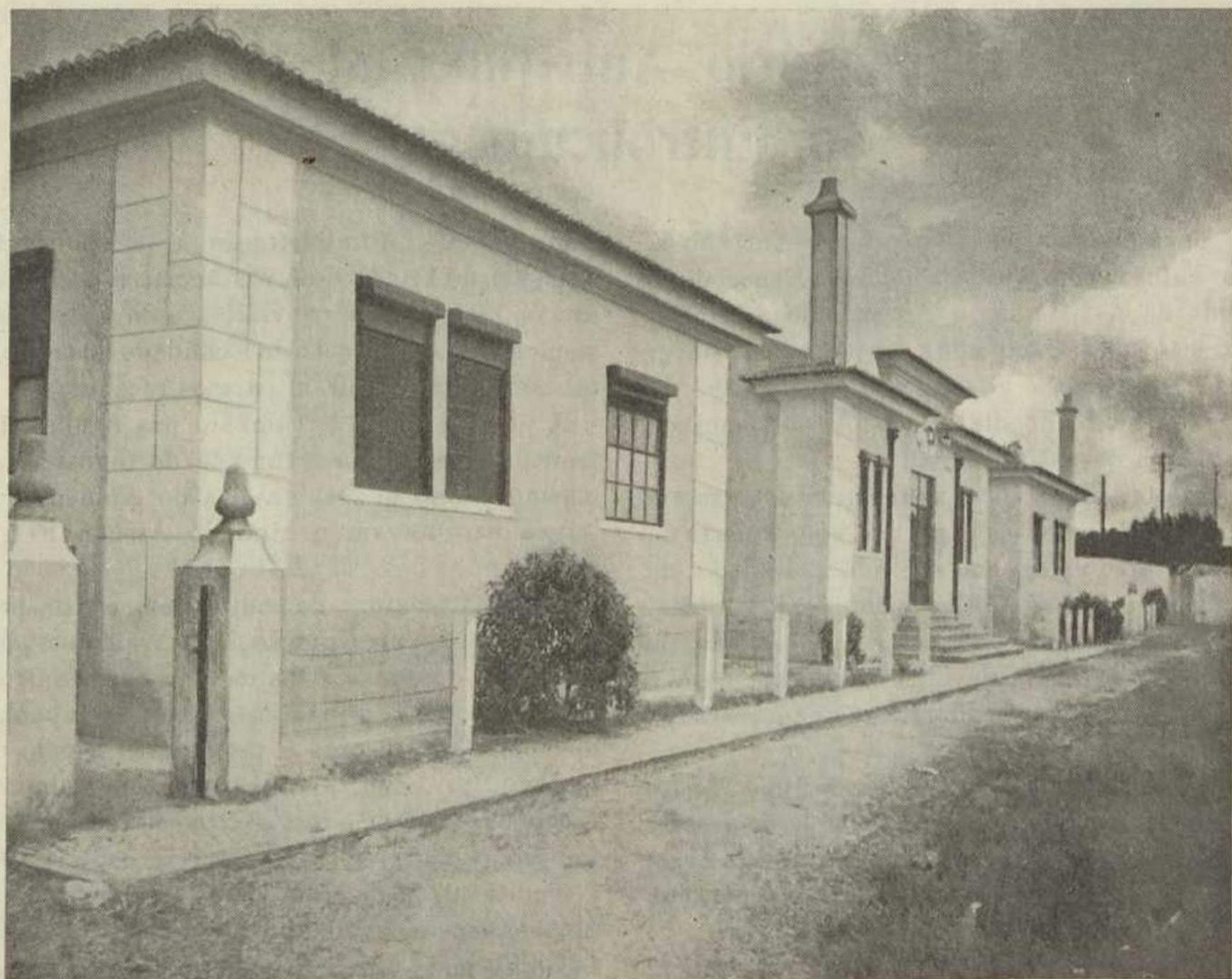
mento com que havia sido distinguido aquêle centro ferro-viário.

O combóio n.º 3 levou ao Entroncamento os Snrs. Fausto de Figueiredo, Vice-Presidente do Conselho de Administração, representando o Snr. Eng.º Vasconcelos Corrêa, Presidente do Conselho; Comandante Raúl Esteves, Administrador e Presidente da Comissão Especial do Fundo de Assistência; Eng.º Mário Costa, Administrador; vogais da Comissão Especial do Fundo de Assistência; Eng.º Avelar Ruas, Chefe da Divisão de Via e Obras; Manuel Barqueira, Chefe do Serviço da Contabilidade Central; Eng.º José de Abreu, Chefe do Serviço da Fiscalização e Estatística, e o Inspector Principal da Divisão de Material e Tracção, Bernardo Pires, os dois últimos representantes do pessoal da Companhia naquela Comissão.

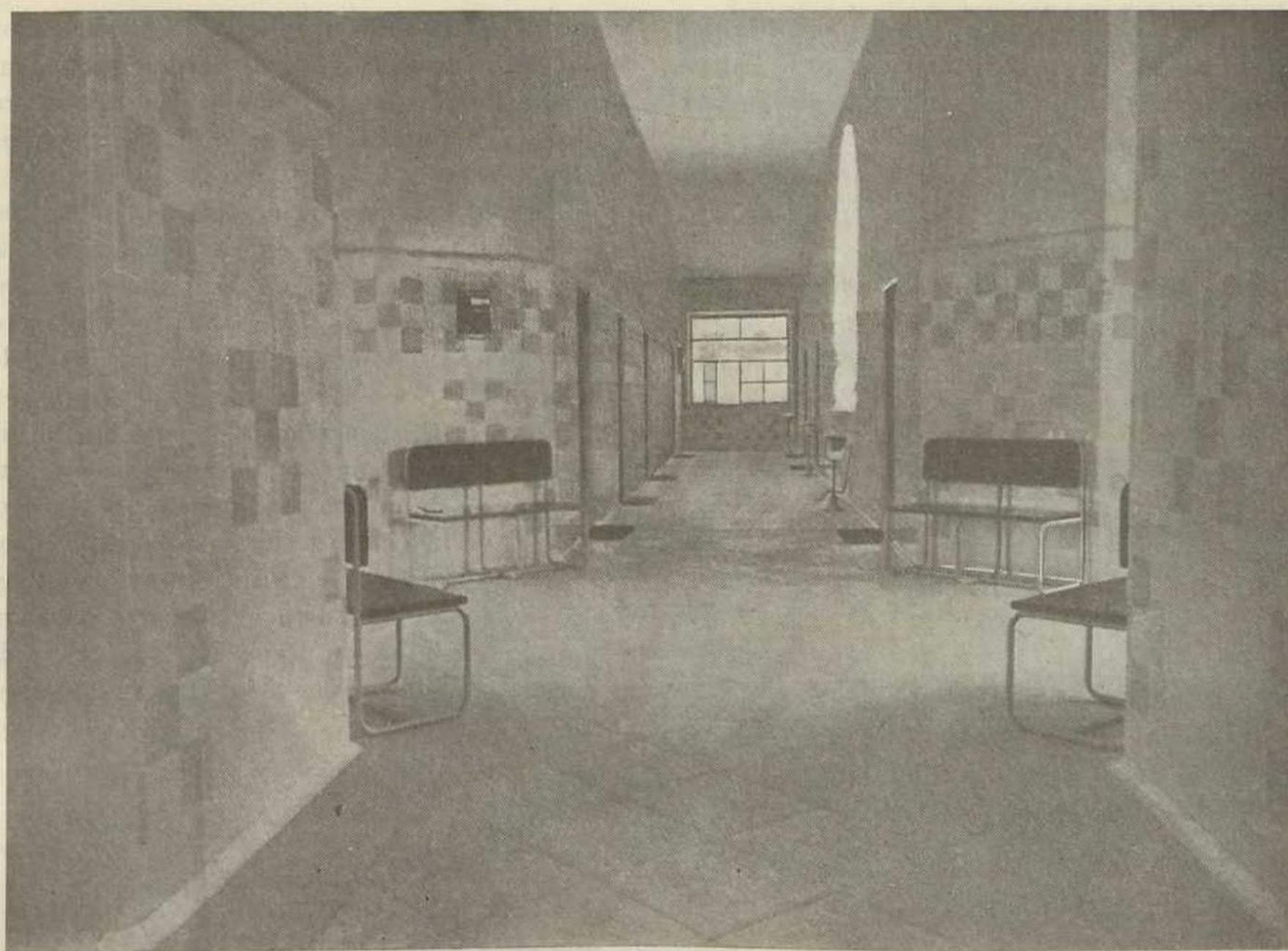
Os Snrs. Drs. Carlos Lopes, Médico Chefe do Serviço de Saúde e Lobo Alves, Sub-Chefe do mesmo Serviço, respectivamente, Vice-Presidente e vogal da Comissão de Assistência aguardavam também na estação os membros do Conselho de Administração e os seus colegas da Comissão de Assistência, aos quais se juntaram.

O Snr. Fausto de Figueiredo, a convite do Snr. Comandante Raúl Esteves, cortou a simbólica fita de seda que mantinha fechado o portão da entrada principal.

Após esta cerimónia, entraram no vestíbulo do edifício os membros do Conselho de Administração e a Comissão de Assistência, seguidos de muitos visitantes que por completo encheram aquêle espaço e o vasto corredor central e bilateral, donde assistiram à sessão de inauguração, a que presidiu o Snr. Fausto



Fachada do Dispensário Anti-tuberculoso



Vestíbulo de entrada e corredor central

de Figueiredo, secretariado pelos Snrs. Comandante Raúl Esteves e Eng.^o Mário Costa.

Usaram da palavra os Snrs. Comandante Raúl Esteves, como Presidente da Comissão Especial do Fundo de Assistência, Dr. Carlos Lopes, na dupla qualidade de Vice-Presidente da mesma Comissão e Médico-Chefe do Serviço de Saúde, Eng.^o José de Abreu, como representante do pessoal naquela Comissão e, a fechar, o Snr. Fausto de Figueiredo.

Todos os oradores puseram em destaque o valor e importância daquele melhoramento e as razões que levaram o Conselho de Administração e a Comissão de Assistência a construir o primeiro Dispensário.

Do Presidente da Comissão de Assistência, Snr. Comandante Raúl Esteves, partiu a iniciativa e tão bem acolhida ela foi, que se transformou em realidade.

De justiça era que assim sucedesse.

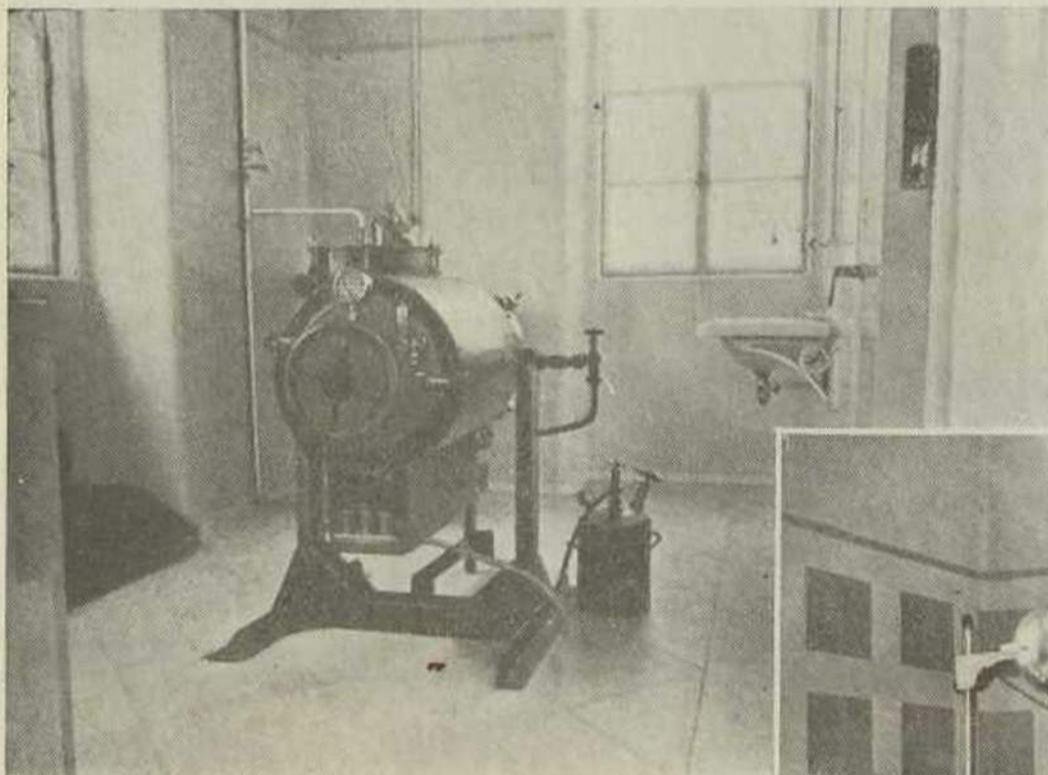
O Entroncamento é uma vila essencialmente ferro-viária, constituindo o mais numeroso núcleo populacional da Companhia e o que mais directamente se encontra ligado às diferentes linhas da Antiga Rêde, sem falar na sua indiscutível posição estratégica.

O Conselho de Administração e a sua Comissão Especial do Fundo de Assistência não ocultam a satisfação de que se acham possuídos neste momento, por verem levado a termo a primeira parte da obra social que se propuseram realizar, lamentando, sinceramente, que a difícil situação da Companhia lhes não permita desenvolver devidamente, e como tanto desejavam, o plano elaborado pela Comissão de Assistência, quanto à luta anti-tuberculosa, nem lhes deixe encarar outros problemas sociais de não menos importância, e por que igualmente se interessam e que muito gostariam de ver resolvidos para bem do pessoal.

A sessão foi encerrada, cerca das 16 horas, depois de ter usado da palavra o Snr. Fausto de Figueiredo, num discurso que muito impressionou a assistência.

Todos os oradores foram várias vezes interrompidos por aplausos, que se repetiram calorosamente no final dos discursos.

Em seguida, foi o Dispensário visitado pelos representantes do Conselho de Administração, pela Comissão Especial do Fundo de Assistência e pelos empregados superiores presentes.



A esquerda: O incinerador
A direita: Sala dos agentes físicos

Em todos causou a mais agradável impressão a sobriedade e gôsto da sua construção, o elegante e adequado mobiliário, bem como o moderno material sanitário de que foi dotado.

A construção do Dispensário obedeceu às ideias dominantes da modéstia, das exigências do serviço e das indicações da higiene.

E assim foi adoptada a forma de pavilhão da mais simples e sóbria arquitectura.

No projecto, da autoria do arquitecto Snr. Perfeito de Magalhães, foram respeitadas as indicações de ordem técnica do Serviço de Saúde.

Ao entrar no elegante edifício experimenta-se uma sensação de bem-estar.

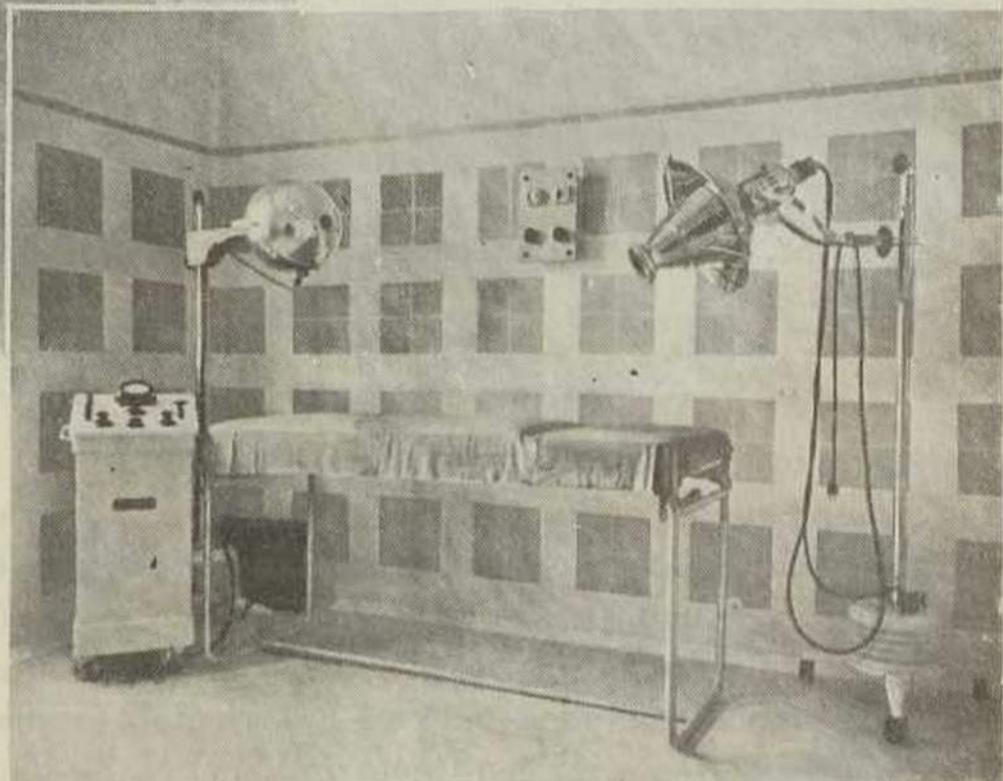
Do espaçoso vestíbulo, onde se abrem dois largos portões de ferro, colocados nas faces principais, respectivamente, voltados ao norte

e poente, partem, no sentido do seu maior eixo, dois extensos e largos corredores, profusamente iluminados por amplas janelas, e para os quais deitam tôdas as dependências dos vários serviços.

Vestíbulo, corredores e mais dependências, são cercados de silhares de azulejos de várias cores, duma grande suavidade, numa combinação interessante, perfeitamente harmónica com o fim a que se destinam. O pavimento de todo o Dispensário é de mármore.

Na construção do edifício fôram ponderadas tôdas as indicações, com o duplo fim profilático e terapêutico.

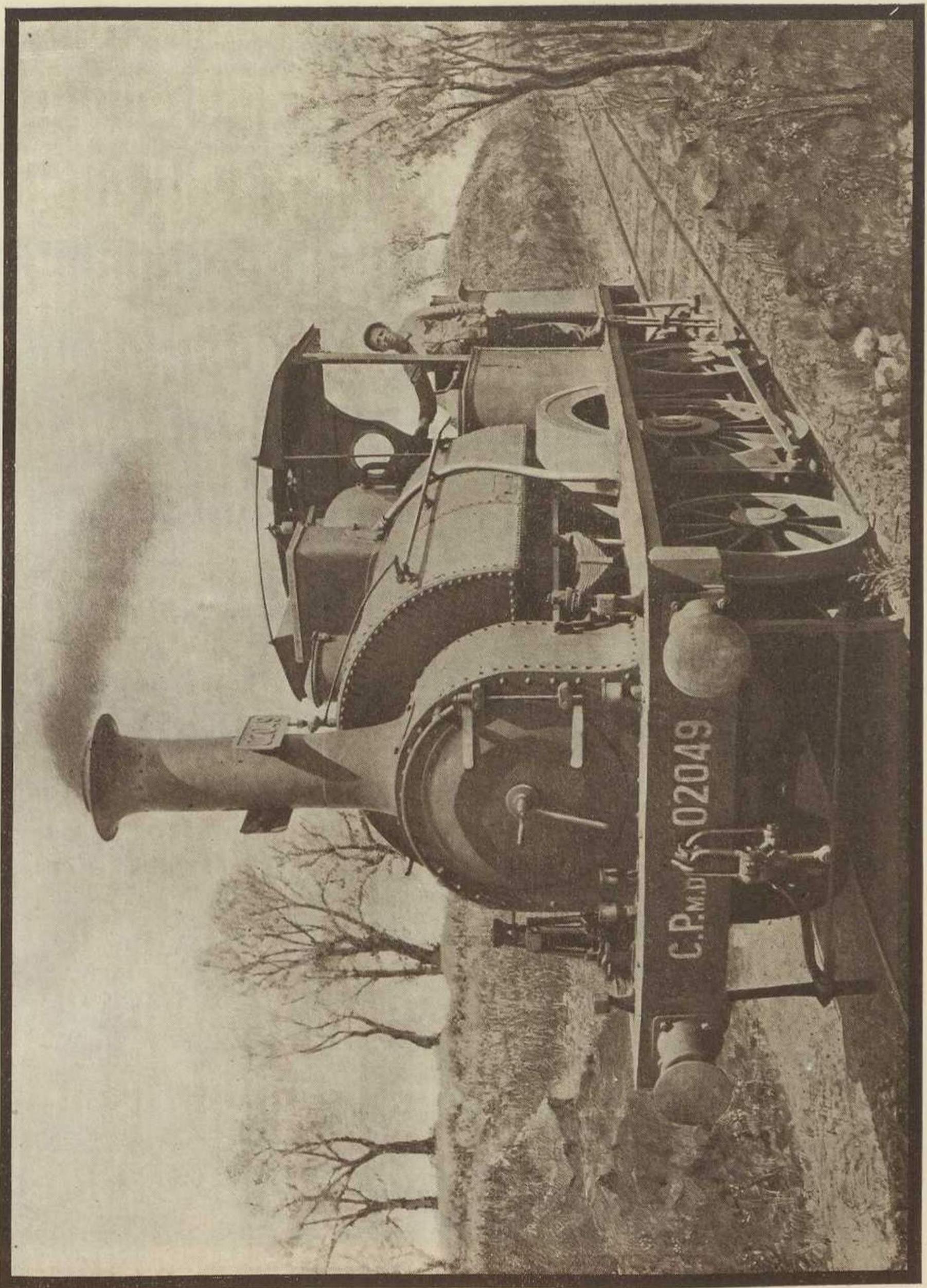
Além dos serviços gerais — salas de espera e de aceitação de doentes, gabinetes de consulta, sala de tratamentos, de Raios X, laboratório de análises, pequena farmácia, serviço



de desinfecção, vestiários de médicos e de pessoal, arrecadações, retretes, etc., — foi previdente e intelligentemente assegurada a ampliação da sua função médico-social, que se não fará demorar, desenvolvimento a esperar numa região onde a família ferro-viária tem tão larga representação e numa localidade ligada por meios de comunicação rápidos e numerosos com vários pontos das diferentes linhas da Companhia que ao Entroncamento convergem, que facilmente permitirão a freqüência e utilização daque-las instalações pelo pessoal e pessoas de família.

A locomotiva 2049 M. D.

Fotog. de L. Schepens



Todo este conjunto concorre para tornar o Dispensário do Entroncamento um estabelecimento modelar da especialidade, certamente o primeiro do nosso País.

Durante a sessão e visita, a banda do Ateneu executou um escolhido programa que foi muito apreciado e aplaudido.

Os representantes do Conselho de Administração e a Comissão Especial do Fundo de Assistência regressaram a Lisboa visivelmente satisfeitos.

O Dispensário do Entroncamento, como todos os organismos desta natureza, vai ser o eixo em volta do qual tem de girar a organização da luta anti-tuberculosa daquela região.

Sem a sua acção, todos os esforços empregados nesse sentido seriam infrutíferos.

O Dispensário é, como disse o Snr. Dr. Carlos Lopes, no seu

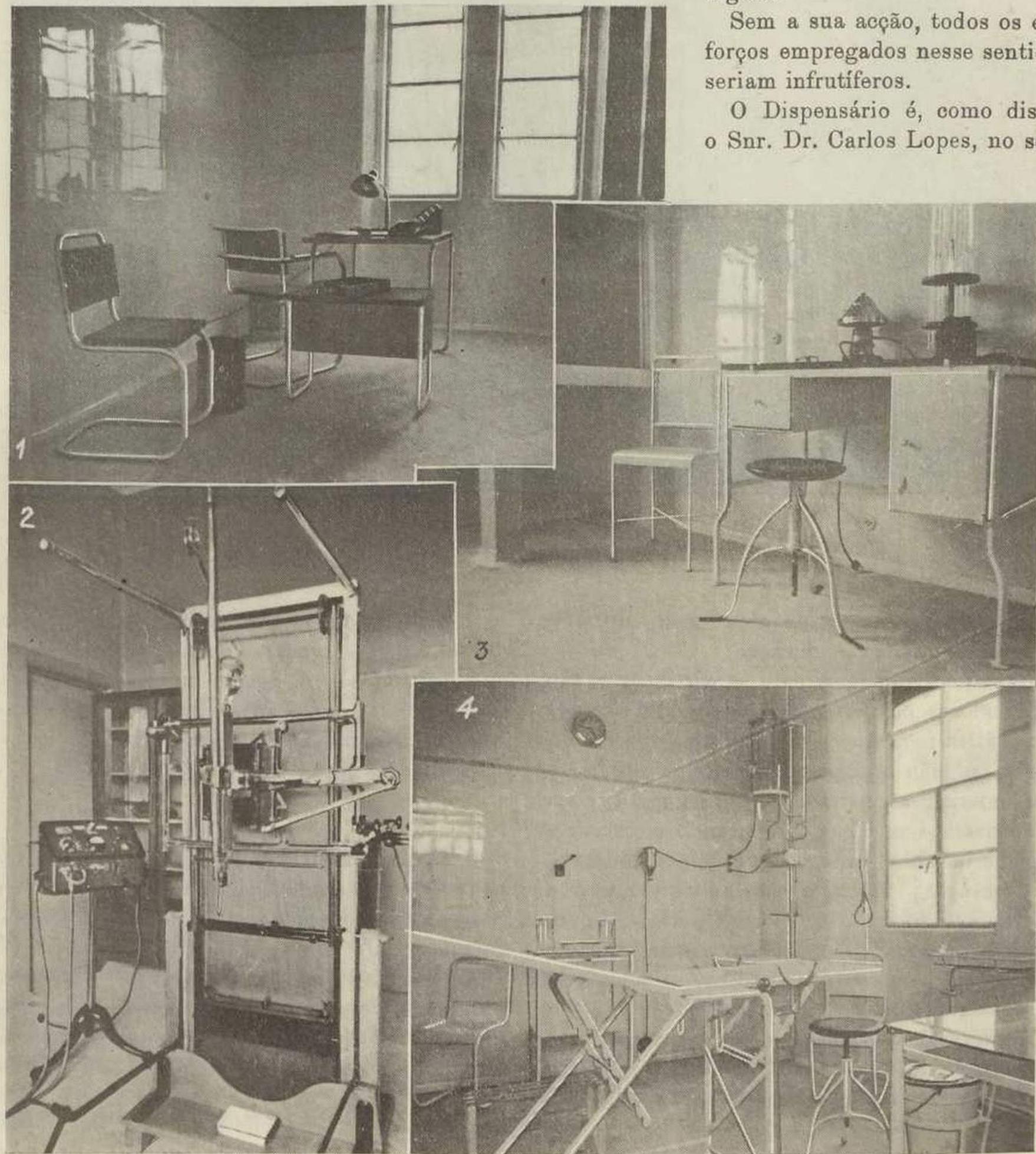


Fig. 1, Sala de aceitação — Fig. 2, Aparelho de Raios X — Fig. 3, Laboratório de análises — Fig. 4, Sala de tratamento



A farmácia

discurso, «um centro de observação, de triagem, de colocação e educação.

Examina os doentes para se certificar se são tuberculosos ou não; indica as medidas a pôr em prática para que a doença, uma vez confirmada, se não transmita à família; por meio das enfermeiras-visitadoras faz seguir à risca os conselhos médicos, procurando melhorar a higiene do lar e proteger as crianças do perigo do contágio; indica e escolhe os doentes a enviar aos Sanatórios; ensina e vigia a cura em domicílio daqueles que não podem ser sanatoriumizados; trata os tuberculosos, os suspeitos, os enfraquecidos e os predispostos.

A tuberculose é uma doença microbiana contagiosa e evitável.

É isto que o grande Públíco precisa saber e nunca deve esquecer.

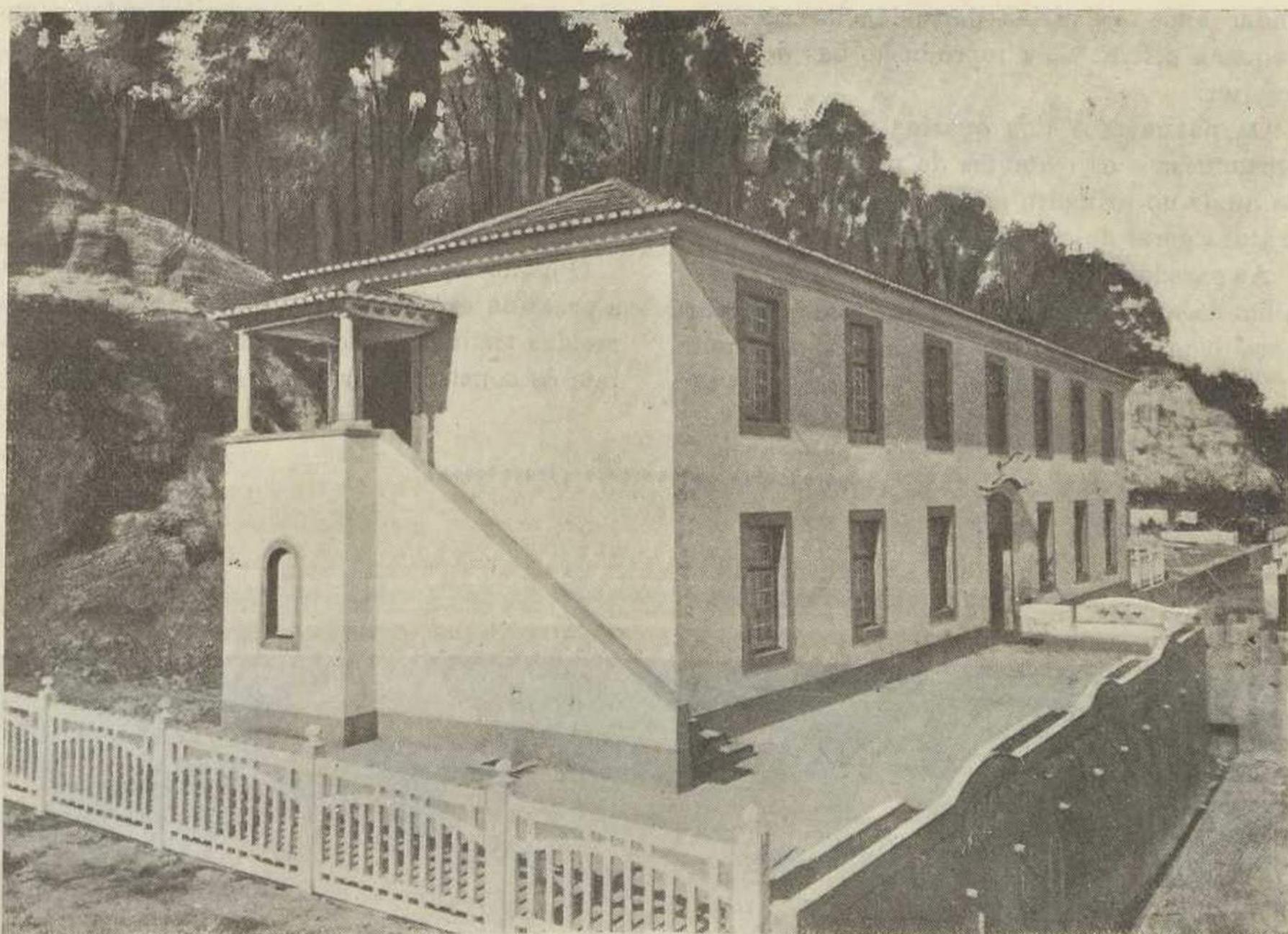
O ponto mais essencial da luta anti-tuberculosa é a preservação da infância.

A tuberculose é, grande número de vezes, resultante do contágio do meio familiar e as crianças, as suas principais vítimas.

O Dispensário esteve aberto ao Públíco até ao anoitecer, sendo visitado por milhares de pessoas de todas as classes sociais do Entroncamento e arredores.

As bandas de música de Argea e dos Escoiteiros tomaram desinteressadamente parte nos testejos, concorrendo para a notada animação popular.

As fotografias que ilustram este artigo são do Engº Corrêa Mendes.



O novo dormitório em Setil

Fotog. do Eng.º Corrêa Mendes

Novo dormitório do pessoal da Divisão de Material e Tracção em Setil

HA muito que se fazia sentir a necessidade de dotar a estação de Setil com um novo dormitório reservado ao pessoal da Divisão de Material e Tracção que satisfizesse as exigências actuais do serviço, visto que, ao existente então, faltavam já as indispensáveis condições de higiene e salubridade requeridas em edifícios desta categoria em virtude da freqüência sempre crescente de agentes obrigados a pernoitar ali pelas circunstâncias próprias da missão profissional desempenhada.

Correspondendo à finalidade requerida, foi

construído o novo dormitório que se concluiu em Outubro de 1935.

Compõe-se este edifício de dois andares de plantas quase idênticas. Comporta o rés-do-chão, além do vestíbulo e corredor, seis quartos destinados a dois agentes, — maquinista e fogueiro — um para três pessoas, uma cozinha-refeitório, instalações sanitárias independentes constituídas por sala com lavatórios, casa de banho com chuveiro, retrete e urinol e ainda uma arrecadação que aproveita o espaço do vão da escada exterior de acesso ao primeiro

andar onde as várias dependências são, com pequena diferença, a reprodução das do andar inferior.

Os pavimentos dos quartos são de sôlho à portuguesa e os restantes de mosaico cerâmico os quais no primeiro andar assentam sobre estrutura geral de cimento armado.

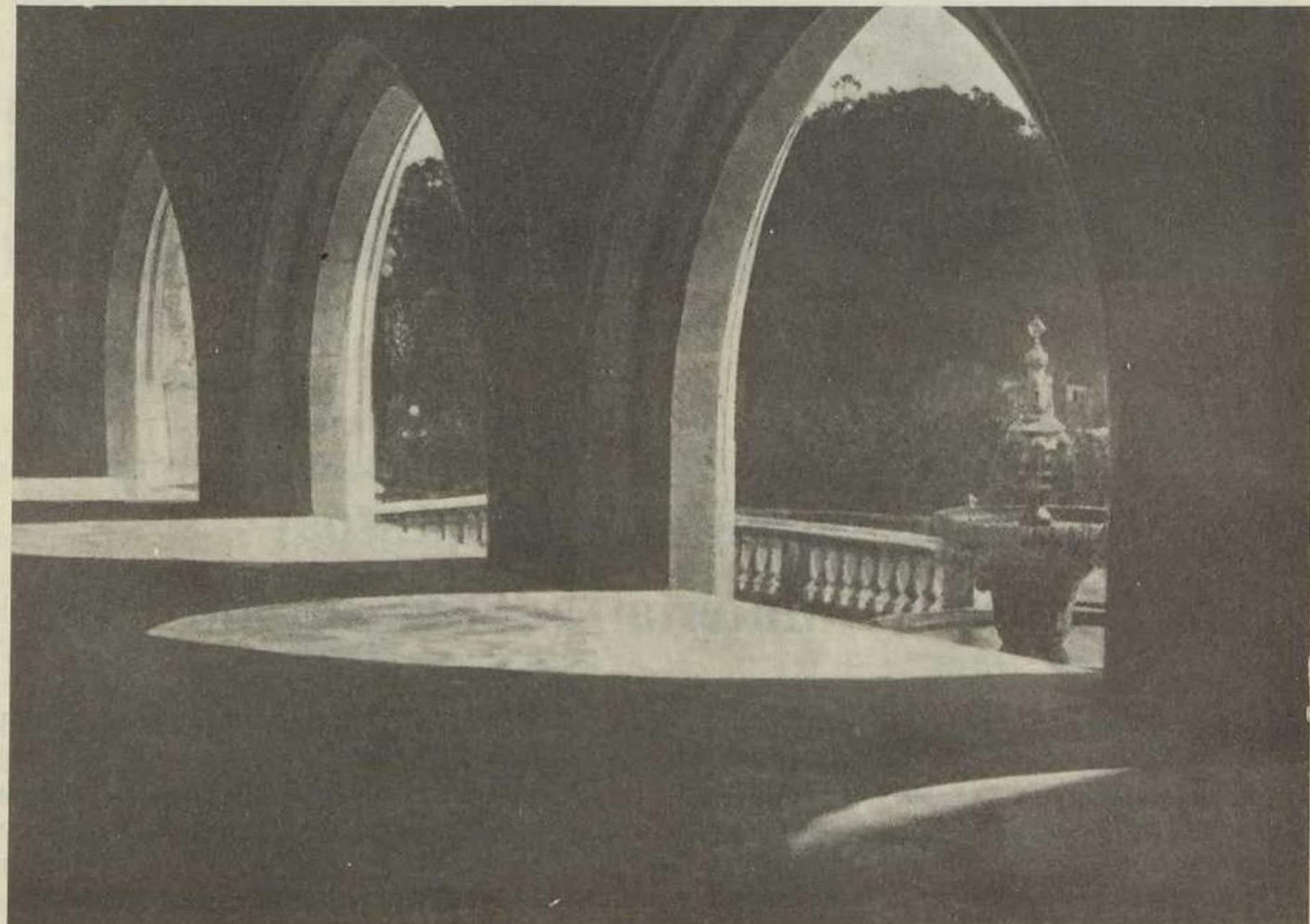
As paredes são em parte revestidas de azulejo a-fim-de assim garantir uma mais fácil limpeza para bem da higiene e frescura do ambiente.

Todos os compartimentos e corredores têm

dimensões superiores às prescritas pelos regulamentos de salubridade pública a-fim-de garantir a melhor higiene e comodidade aos agentes que aí tenham de repousar e são amplamente arejados e iluminados por numerosas janelas.

Possue instalação eléctrica para iluminação e mobiliário singelo e adequado.

O estilo do edifício exteriormente é atraente, a-pesar-de extremamente sóbrio, e vasado nos moldes tradicionais que tanto carácter empregam às construções regionais portuguesas.



Palácio Nacional de Sintra

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1936

Fotog. de Abel Leite Pinto, empregado de 42.º classe na Divisão de Via e Obras.

Notas de Arte.

O monumento de Mafra

Pelo Sr. Dr. Alexandre Galrão, Chefe de Secção de Conservação

(Conclusão)

VI

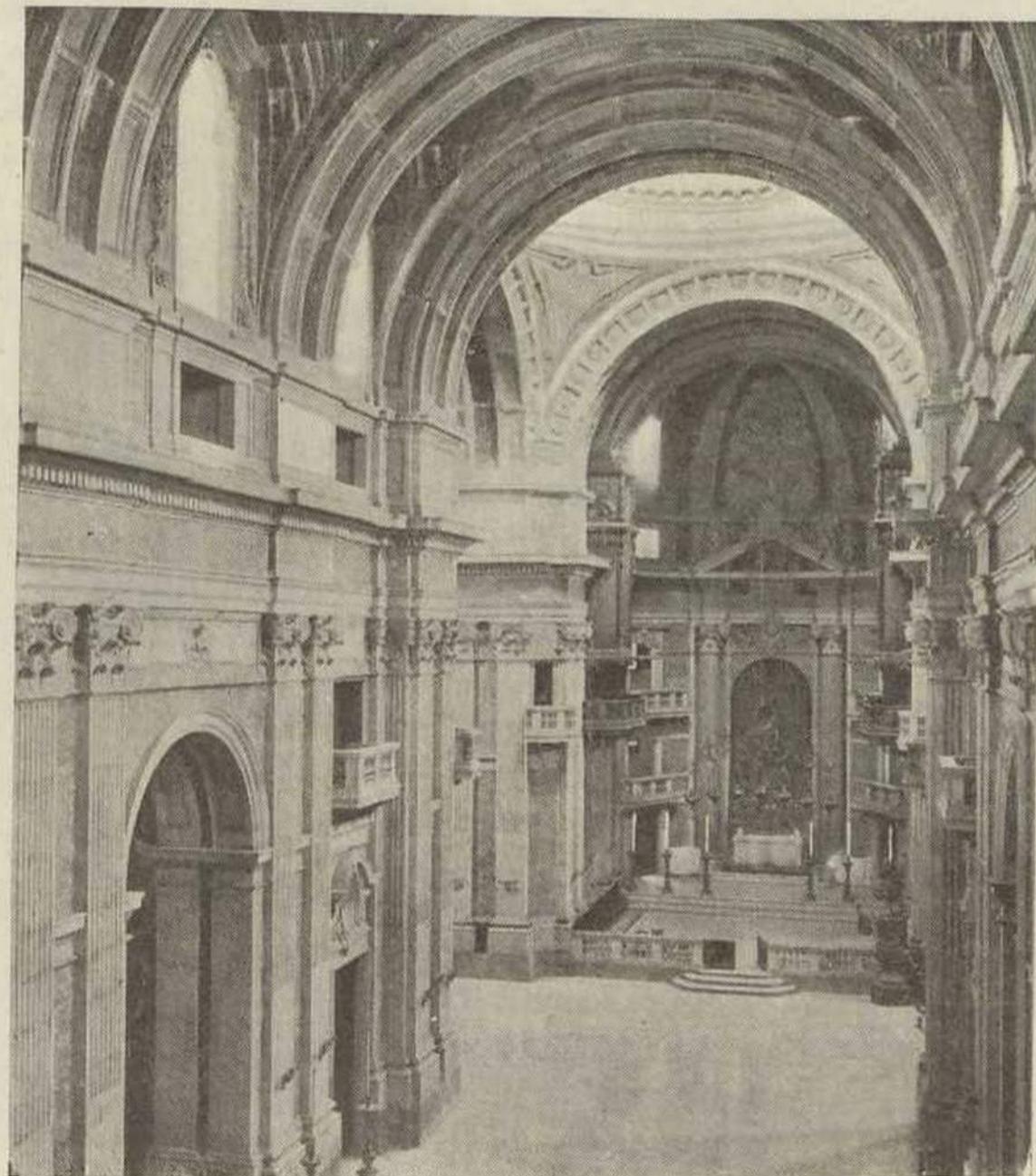
O Palácio

O Palácio Real de Mafra compreendia os dois torreões, as mantarias, as ucharias, as cozinhas, habitações do pessoal menor, os dois corpos em alvenaria que ligam a igreja aos torreões, o último pavimento das faces norte e sul e parte da face de nascente não ocupada pela biblioteca, contando ao todo 666 casas.

No torreão do norte, os aposentos da Rainha, no do sul os do Rei, e nas dependências das galerias, os dos dignitários da Corte, todos ricamente atapetados e as paredes cobertas de panos de Arrás e quadros célebres. Hoje o palácio está transformado em museu, apreciável repositório das preciosidades artísticas do convento, avultando os objectos do tempo de D. João V e outros de tempos mais modernos: paramentos, bordados a retrôs sobre seda e setim, cálices, um belo relicário de ébano e prata, custódias cinceladas, turíbulos, uma banqueta de bronze dourado, um tocheiro com o círio pascal, modelos de madeira, barro e gesso dos retábulos e estátuas da igreja, entre os quais o Cristo da Capela-mór, tapeçarias, cerâmica, louças de Sèvres, China e Japão, quadros

de pintores célebres entre os quais alguns do Rei D. Carlos, conservando-se também o leito em que dormiu D. Manuel II na última noite antes de partir para o exílio.

O primeiro pavimento dos torreões, em talude, é de ordem toscana, o segundo de ordem dórica e o terceiro de ordem compósita, assentando sobre este as cimalhas garnecidas de dentículos com balaústrada e as cúpulas de curva



O interior da igreja empolga pela sumptuosidade e correção de linhas



No Palácio — Uma sala burguesa num palácio real...

elegante. Elevam-se a uma altura de 52 metros e estão superiores aos terraços de 22 metros. Os seus alicerces têm na base a espessura de 4^m,40 tendo os saguões que os rodeiam a mesma largura.

As galerias do palácio do terceiro pavimento compõem-se de salas que se comunicam entre si e são conhecidas por várias designações: a sala dos veadores, a dos camaristas, as do docel, a sala da guarda, a da tocha, etc. Na galeria central apresentam todas pinturas, nas abóbadas e paredes, de artistas portugueses do século XIX, destacando-se a *Sala primeira do docel* ou *Sala das audiências* destinada às recepções de gala, com belas pinturas de Sequeira, a abóbada muito aparatoso representando um assunto mitológico e nas paredes figuras simbólicas das virtudes morais: Diligência, Constância, Concórdia, Generosidade, Ciência, Docilidade, Perfeição e Tranqüilidade.

Foi nesta sala que, em 31 de Março de 1825, quinta-feira maior, D. João VI procedeu à cerimónia do lava-pés a 12 pobres, entregando,

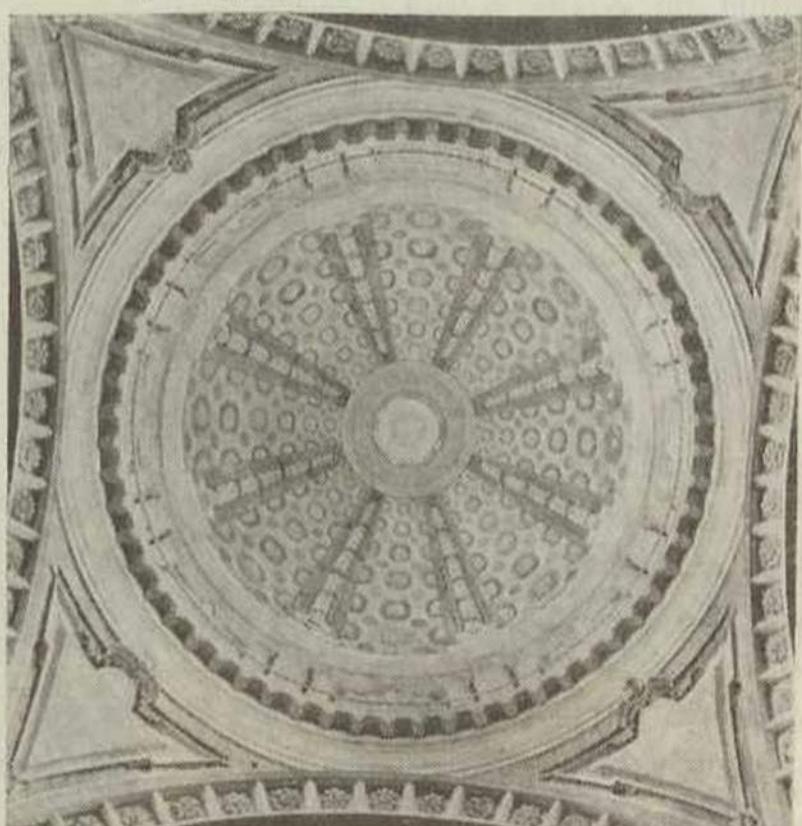
a cada, um ramo de flores e uma moeda de oito mil réis de ouro e assistindo ao acto os Infantes e todo o pessoal do Paço. E' também digna de menção na galeria principal a *Logea de Benedictione* adornada de mármores de todas as casas do palácio, e pilastras dóricas.

VII

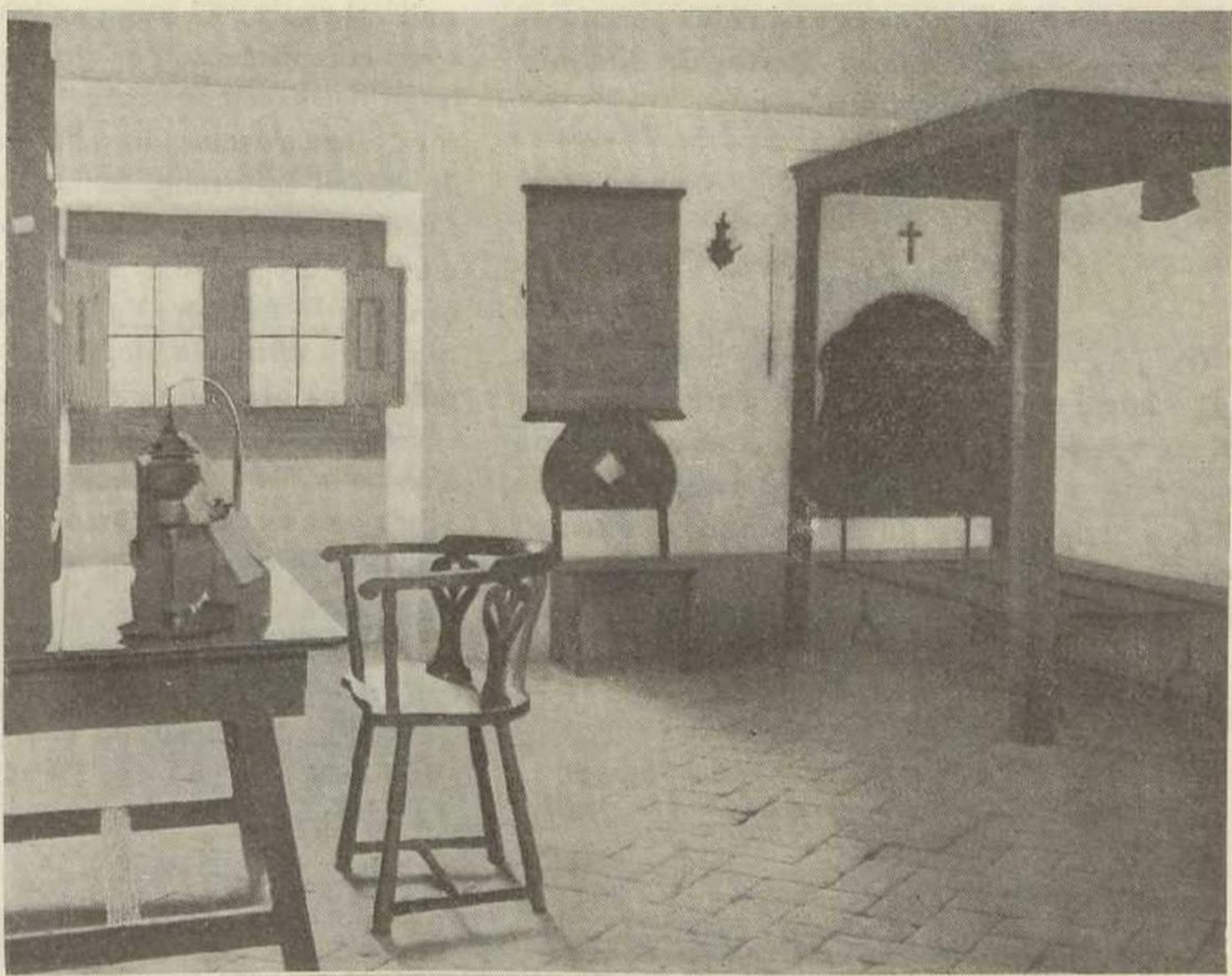
A Biblioteca

A Biblioteca ocupa a mais majestosa sala do monumento sendo incerto o destino para que foi construída atribuindo-se aos cónegos regrantes o que lhe foi dado. Mede 83 metros de comprimento por 9^m,24 de largura, sendo as paredes de alvenaria com socos de mármore azul e o pavimento de mármores branco, azul, amarelo, rosa e preto; o tecto é formado por uma abóbada cilíndrica interrompida a meio da sala formando quatro arcos que sustentam uma cúpula apainelada por uma lámina de mármore circular ornada de festões tendo ao centro a figura do Sol. Duas ordens de estantes contêm 20.000 volumes em bom estado de conservação, sendo muitos do século XVI, alguns do século XV, e belos manuscritos com iluminuras, incunábulos e elzevires.

Numa dependência da mesma, encontram-se

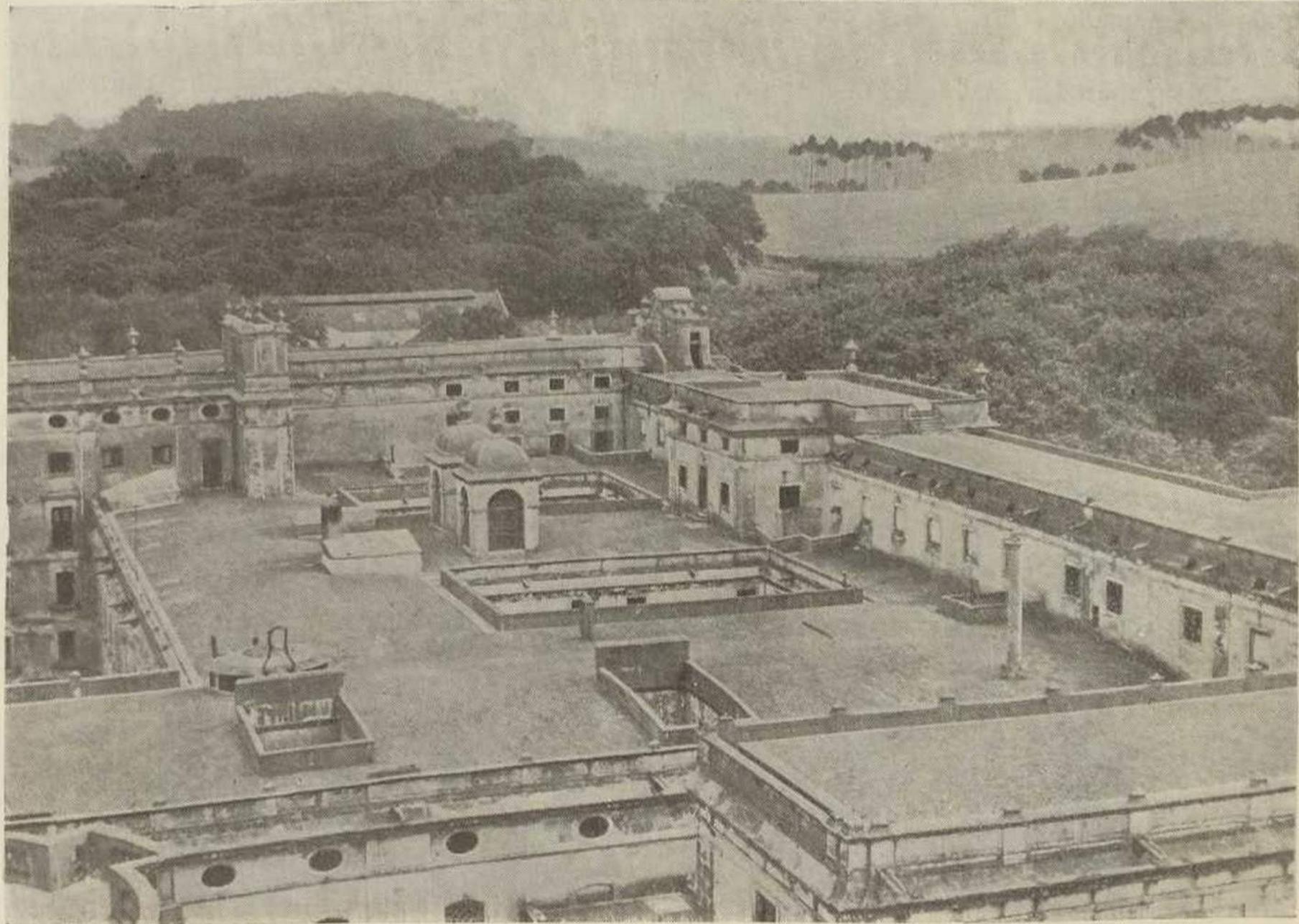


O zimbório da Basílica visto do cruzeiro
Quatro arcos torais o agüentam adornando os pendentes, serials e florões



Em cima: Fria e severa, a cela do frade dá-nos a ideia da vida dos franciscanos em Mafra. À direita da gravura vê-se a caveira pendurada no docel da cama e à direita desta os cilícios.

Em baixo: Os terraços do Monumento e um trecho da Tapada.



partituras de música sacra assinadas por mestres portugueses, Marcos Portugal, António Puzzi, Fortunato Mazzotti, etc.

VIII

Cláustros

Os dois cláustros do convento ficam no lado sul e norte da igreja formando um quadrado de 26 metros de lado, e cada um destes constituído por sete arcos de mármore assentes sobre pilares guarnecidos de hemicilindros dóricos. Sobre as abóbadas de 7 metros de altura um terraço com balaustrada de mármore assente sobre o entablamento dos pilares ornado de triglifos.

IX

Sala dos actos escolares e Casa do Capítulo

A Sala dos actos escolares fica ao fundo do chamado «Corredor das aulas» de forma rectangular, paredes de alvenaria com cimalha e abóbadas estucadas, e chão de mármore rosa,

azul e branco. É acompanhada em quase todo o seu comprimento por uma galeria com balaustrada de mármore branco e pilares de mármore rosa, e guarnecida de uma bancada de madeira do Brasil interrompida no centro, onde fica a *Cadeira*, com um grande espaldar também de madeira do Brasil e sobre ele um quadro com ornatos de mármore de cores variadas encimado por uma grinalda de flores e um frontão de mármores branco, azul e amarelo.

Na parede do fundo fronteira à *Cadeira*, um quadro a óleo de Sebastião Conca, único que ainda conserva as cores primitivas, representando a Virgem com o Menino que segura uma cruz cujo pé está na boca de uma serpente, o Padre Eterno entre nuvens e dois anjos em adoração. Nesta sala se efectuavam anualmente os actos finais de Conclusões de Teologia, Moral, Lógica, Física, Metafísica e Gramática, e bem assim a sessão de abertura do ano escolar.

A propósito da abertura do ano escolar de 1805 dizem *As Memórias de Mafra*: «Hoje se nomearam os Lentes e colegiais no Capítulo, conforme a tarifa antiga; depois recitou na casa dos actos o Benavente uma disser-



O zimbório e as torres do Monumento de Mafra vistos da Biblioteca

tação que já era a terceira vez que ali se ouvia, atribuída ao Palmela».

Não eram de grande originalidade os frades oradores do Convento de Mafra!

A Sala dos actos escolares é actualmente o Tribunal de Mafra. A Casa do Capítulo não obedece a ordem alguma de arquitectura e é pobre de ornamentos. A forma elíptica dá-lhe, porém, um aspecto interessante bem como o pavimento de mármores de cōres diversas de onde sobe como que um pedestal de mármore rosa com cimalha branca.



À esquerda: O jardim do Buxo,
tipo dos jardins de *Le Nôtre*

À direita: Uma sala do Museu — No primeiro plano,
à direita, o modelo, de madeira, do Cristo que
está no Altar-Mor

Sobre a entrada principal uma tribuna com balaústres toda de mármore branco e no extremo oposto um quadro de mármores branco, rosa e amarelo com a seguinte inscrição: *Dulce et decorum est pro patria mori.*

Serve actualmente de sala de esgrima da Escola Prática de Infantaria.

X

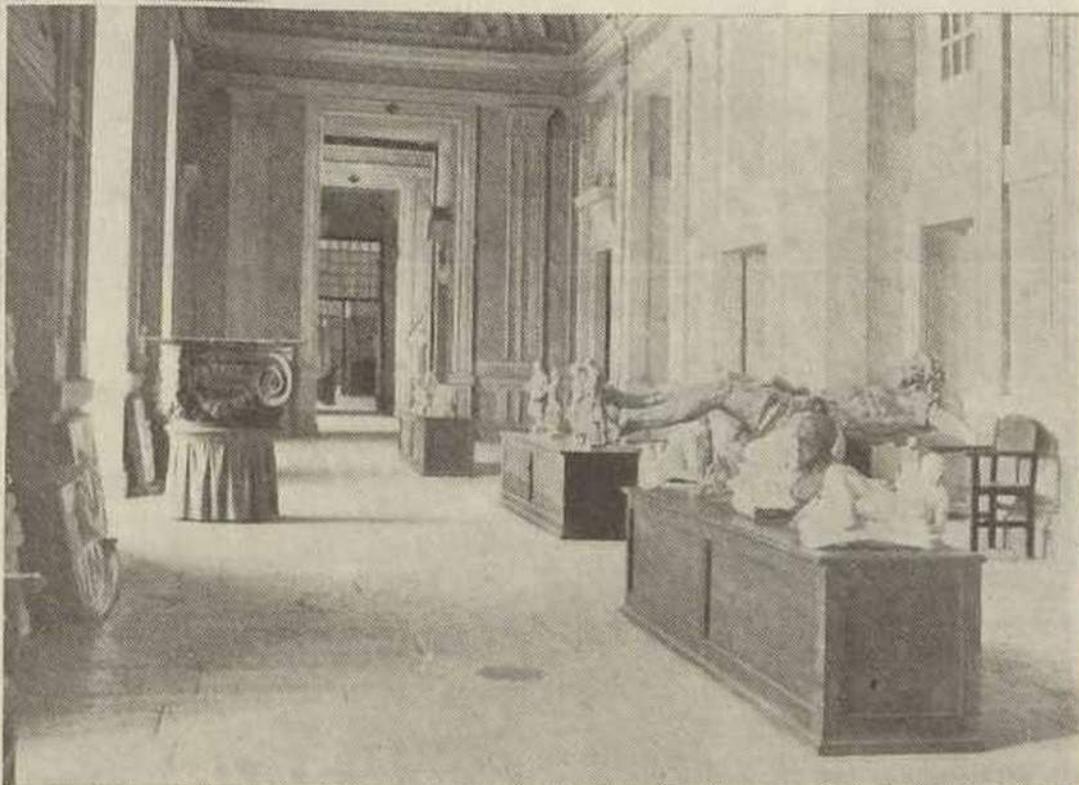
Jardins e Tapada

O centro do Convento é ocupado pelo chamado Jardim do Buxo, de belo desenho no estilo clássico e tendo ao centro um lago com cércea

de 15 metros de circunferência, e mais quatro em forma de concha todos de mármore branco rodeados de bancos de mármore rosa. Este jardim é o que resta de outro mais vasto que o último projecto do monumento fez arrazar, bem como o pomar e vinhas que ocupavam parte dos terrenos onde aquêle foi depois edificado.

A Tapada fica a nascente do edifício toda murada numa extensão de perto de cinco léguas.

Na entrada do lado da Vila fica o Cérco que fazia parte do primitivo jardim e é constituído por extensas ruas arborizadas e bosques fechados. No Cérco houve primitivamente sete jogos: quatro da bola, dois da laranjinha e um de aro, existindo hoje apenas um, o da bola, guarnecido de assentos de ferro. Um grande poço com uma nora e um lago circular de mármore



com 41 metros de diâmetro ambos do tempo da construção do monumento, é o que resta desta parte do jardim de recreio dos frades de Mafra.

A horta, também do tempo da construção do monumento, tinha primitivamente 8 fontes de bôa água nativa, 3 delas correndo para o grande tanque que mede 58^m,50 de comprimento, 6^m,60 de profundidade e 22^m,40 de largura, onde houve grande quantidade de peixes.

O resto da Tapada é constituído na maior parte por pinhal e mato estando dividido em

três partes: na primeira há a destacar o Jardim das Lagoas, recanto aprazível de formação recente, e o chamado Vale de Camões todo coberto de arvoredo. Na segunda, também chamada Tapada do Meio, encontra-se grande quantidade de coelhos, destacando-se o recanto da água férrea arborizado de plátanos, o Casal do Abade em ruínas donde se disfruta um magnífico panorama, e o Celabredo notável pela casa de campo onde o Rei D. Carlos descançava e almoçava nos dias de caçada. A terceira é quase toda pinhal nada havendo digno de nota.

A tapada foi povoada até há anos de veados, gamos e javalis que pouco a pouco têm desapa-

recido com as caçadas permitidas depois da implantação da República.

Feita a traços largos a descrição do que de mais importante Mafra oferece ao visitante, resta-me fazer votos por que estas linhas sirvam de estímulo aos ferroviários do País por quem vão ser lidas, a uma visita àquêle livro aberto da história de um período áureo do nosso passado, para poderem desmentir o apôdo de «sensaboria de mármore» com que Alexandre Herculano a brindou numa tarde de mau humor, e aprenderem a perdoar a prodigalidade de D. João V pelo magnífico monumento que à nossa Pátria legou.



A Biblioteca — O salão mais belo e magestoso de todo o edifício

Conferências de higiene social

A HIGIENE E A CIVILIZAÇÃO

Conferência realizada pelo Snr. Dr. José Martins Dias Serpa, médico da 53.ª Secção

(Continuação)

Raciocinar-se-á: desde que não haja quem sofra de sezões, já os mosquitos se não infectarão, nem contagiarão a quem piquem.

Na verdade assim é, ou, antes, assim deveria ser.

Todavia, o agente do paludismo tem uma tal vitalidade, uma tão grande resistência e dispõe de tais recursos de defesa nos organismos em que se instala, que é tarefa grandemente difícil chegar-se a considerá-lo definitiva e radicalmente desalojado do seu meio exclusivo de habitação — o sangue humano.

Entretanto, tentemos aproximar-nos, o mais possível, dessa finalidade, tratando os infectados com os recursos numerosos que a terapêutica nos faculta, e empenhemo-nos, animosamente, em exterminar o veículo — o anofeles — realizando assim uma obra de Higiene colectiva.

E, para tanto, teremos que pôr em prática as medidas que a Higiene nos aconselha, sabiamente instruída pela Epidemiologia e valorosamente auxiliada pela Civilização.

Vamos ao meio onde o anofeles vive e se reproduz.

Tornemo-lo de meio favorável à sua vida e manutenção da espécie, em meio inhóspito para ele.

Antes de tudo, porém, evitemos êsse meio, na parte que nos é possível.

As águas, que impossível nos é fazer desaparecer, tornemo-las hostis ao anofeles; agitemo-las, que as suas larvas morrerão.

Tornemo-las indesejadas por ele, para a deposição e desenvolvimento dos seus ovos.

Para o conseguir, aconselha-se deitar petrólio ou, como ultimamente se preconiza, óleo de automóveis, queimado. As larvas, necessitando

respirar, vêm à superfície, morrendo por intoxicação.

Reduza-se ainda o seu volume, cercando-as de plantas ávidas de água, destacando-se, entre elas, o eucalipto que, ao grande poder de sucção das suas raízes, junta o arôma agradável das suas folhagens, aroma que o mosquito parece detestar.

Povoem-se essas águas de peixes vorazes para a destruição das larvas, lançando-os nos tanques e lagos onde se deixam crescer e reproduzir.

Parece que os peixes vermelhos, que tanta gente supõe apenas úteis para recreio de quem os vê voltar em elegantes maneios, a que a sua cõr rubra tanto realce dá, são os mais aptos para a destruição das larvas.

Evitem-se destruir as espécies que povoam as nossas ribeiras, para a salubridade das quais elas tanto concorrem, pela necessidade de se alimentarem, o que os leva a devorar as larvas dos anofeles.

Aconselha ainda a Higiene evitar o contacto com os mosquitos, pelo que se deve fugir de habitar casas próximas das ribeiras, poças, charcos, lagos, plantações de arroz, etc.

Para obstar à visita perigosa d'este detestável e perigoso insecto, está indicada a colocação de rêsdes muito finas nas janelas das habitações, as quais devem ser fechadas, o mais completamente possível, mal o sol se esconde.

As picadas dos mosquitos (que providencialmente se anunciam por um voar lamuriento que só ouvimos quando em vigília), evitam-se, durante o sono, envolvendo o leito em amplos mosquiteiros feitos de tules e outros tecidos eficazes.

A destruição dos mosquitos que, a-pesar-de tudo, se instalaram nas habitações, faz-se pela pulverização de líquidos tóxicos, que a Civilização descortinou e impõe com a maior inocuidade para quem os utiliza.

A Higiene, na sua feição profilática, visando a postura de uma barreira ao alastrar do paludismo pelo robustecimento dos organismos, aconselha a imunização do Homem contra o agente da doença, pela ingestão diária de uma pequena dose de quinino, durante a estação propícia à expansão do sezonismo.

Outros insectos veiculizam para o homem numerosas doenças.

Destaquemos, de entre êles, êstes três: o percevejo, o piolho e a pulga.

O primeiro, bichinho nojento que abunda nas camas não sujeitas a limpeza saneadora, parecendo inofensivo, ataca e morde o homem cobardemente, (pois só o faz quando apanha a sua vítima a dormir) transmitindo-lhe doenças como a febre recorrente, a tripanosomose americana, a peste e a tuberculose.

O segundo, o piolho, produto proveniente, quase sempre, da falta ~~absoluta~~ de asseio e de limpeza, além de outras doenças, veicula para o homem a enfermidade chamada tifo exantemático, mal que não se propaga do homem doente para o sô, sem o concurso de tão nojento parazita.

Mas o terceiro, a pulga, leva a palma aos outros dois na faculdade que tem de ser altamente prejudicial ao homem, como veículo que é dum terrível doença, além de outras, e, digo, terrível, porque toma facilmente a expansão de epidemia, graças à sua grande contágiosidade e ao grande auxílio que recebe do insecto propagador.

E' a peste.

A pulga propaga a peste contagiando o Homem.

Todas as espécies de pulgas conhecidas pelos parasitologistas são susceptíveis de transmitir a peste.

Há, porém, uma espécie que, mais do que qualquer outra, a transmite.

E' a *Xenopsylla Cheopis* que vive habitualmente nos ratos e outros roedores selvagens.

As epidemias de peste humana são prece-

didas de epidemias de peste nos ratos, facto conhecido desde a mais remota antiguidade.

São as pulgas que, vivendo nos ratos e nêles são infectadas (com tal faculdade de fazer mal que conservam o bacilo da peste no seu intestino por muitos dias — vinte até) vão depois contagiar o homem.

Vê-se assim quanto êsse pequeno insecto, hospede do rato, pode causar de danos ao Homem.

Impõe-se, pois, a necessidade de o exterminar, tirando-lhe as condições de vida.

Dai a necessidade de matar todos os ratos, animais daninhos que além de causarem ao Homem todos os prejuízos de que são capazes, como roedores vorazes que são, ainda o podem infectar de peste, pelas pulgas que nêles se albergam.

Devem matar-se tais roedores por todos os meios ao nosso alcance e, por todos os meios também, se deve obstar tenazmente ao seu estabelecimento junto de nós.

Para isto deve atender-se a requisitos impostos pela Higiene, visando a construção e salubridade das habitações.

Como meios de extermínio dos ratos dispomos, além de outros, das classicas ratoeiras aperfeiçoadas pelo engenho do Homem, de preparados tóxicos com feição de alimentos de que êles são gulosos, etc.

Os ratos preferem, como lugares de suas habitação e freqüência, os canos.

Nos grandes centros populacionais dotados de rôdes de esgotos, os condutores das imundícies são grandemente frequentados por êles.

Donde a necessidade, imposta pela Higiene e Civilização dos grandes meios: a caça nesses próprios condutores aos seus antipáticos moradores. Em Lisboa, por exemplo, há brigadas de trabalhadores que descem todos os dias às canalizações subterrâneas da rôde de esgotos, com a missão exclusiva de procurarem e matarem, a cacete, todos os ratos que possam alcançar.

Pode, à primeira vista, tal ocupação despertar a hilariedade.

Mas, se atentarmos em que os ratos são numerosos, se multiplicam prodigiosamente, e que cada um pode albergar em si muitíssimas pulgas,

transmissoras da peste, não riremos e pondremos, antes, que tal tarefa representa um esforço de respeitar, por se dar cumprimento ao que a Higiene preceitua, esforço que a Civilização impõe que se cumpra para sua dignificação e zêlo pela boa saúde colectiva.

*
* *

Não são só os insectos os únicos animais capazes de levar ao Homem os germens das doenças. Outros há, também, que tão maus serviços são capazes de lhe prestar.

Reparemos, por momentos, num animal tão amigo do homem — pelo qual, muitas vezes, é capaz de realizar feitos de dedicação e amôr e que, disso, pode contaminar o homem de uma das mais aterradoras enfermidades: a raiva.

Bem sabemos que não é exclusivamente o cão o único animal capaz de nos causar tão grande mal. Na verdade, outros há, como o gato, o burro e o cavalo que igual contágio podem fazer.

Mas é também verdade que, de todos os animais susceptíveis de o fazer, é o cão que mais vezes, e mais contingentemente, inocula a raiva no Homem.

Aconselha pois, por isso, a Higiene e a própria Civilização, que não nos aproximemos demasiadamente dos cãis cuja saliva, ou baba, devemos sempre evitar. Não só por causa da raiva, mas, até mesmo, por motivo de outras doenças que ele nos pode fazer contrair como, por exemplo, o quisto hidatíco.

E se é para desejar que nunca as bôcas dos cãis nos sujem com saliva, muito mais é, por certo, que elas nunca nos atinjam com os dentes.

A dentada de um cão não é «carícia» que alguém deseje e, para os mais pusilânímes, pode representar até a causa de um desassossêgo de espírito, pelo temor de contaminação pelo agente da raiva.

A Civilização impõe, então, que os cãis andem convenientemente açamados, em condições tais que lhes não seja possível abrir suficientemente a bôca.

Ainda a Civilização, solidariezada, agora e sempre, com a Higiene dos Povos, impõe a necessidade, direi, a obrigatoriedade, de serem vacinados contra a raiva os canídeos de cada concelho do nosso País.

E' uma medida de grande alcance, de inestimável valor, com que muito se significam aquêles concelhos onde ela tem sido regularmente observada.

E digo aquêles, porque nem todos, como seria para desejar, a têm cumprido, numa lamentável evasiva à Higiene e à Civilização. E é pena, porque quando outros prejuízos êles não sofram, a êste, pelo menos, se não podem eximir: o de sob o ponto de vista de profilaxia da raiva, não terem o direito de chamar-se civilizados.

Acalentamos, todavia, a esperança de que, quando um dia a Civilização alastre como uma característica inevitável e a que se não possam opor barreiras de impenetrabilidade, êles venham também a ser, de verdade, civilizados.

*
* *

Outros animais, já disse, podem representar, para o Homem, o ponto de partida de outros males.

Mas, dêstes, desejo apenas citar os mais conhecidos, e, para não alongar demasiadamente a minha palestra, deixo para trás o gado cavalar com o seu mormo, o gado vacum com a sua tuberculose, o gado suíno e lanígero com a sua carbunculose, e até os papagaios com a sua psitacose.

Nem os papagaios escapam, senhores!...

Muito haveria a dizer, como vêem, sobre êste assunto.

Não poderemos desenvolver inteiramente todos os pontos em que tocamos, e alguma coisa há de ficar por dizer.

Mesmo porque a paciência dos que me escutam deve ter, e tem, certamente, limites que uma vez excedidos ocasionariam o tédio no meu auditório.

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 640 — A taxa feita no *Boletim da C. P.* n.º 54 de 1933 em resposta à pregunta n.º 542 no trajecto do M. D., está bem feita, em conformidade com o Aviso ao Públ. A. n.º 348 de 28 de Setembro de 1932?

Na taxa a que me refiro está indicada a manutenção quando no «Aviso» se considera englobada, visto él dizer: «*Estes preços estão cátivos apenas dos multiplicadores em vigor e do adicional de 10% nos casos em que são aplicáveis.*»

R. — Os preços indicados no Aviso ao Públ. A. n.º 348 referiam-se apenas a *transporte*, havendo, portanto, a cobrar as despesas de manutenção à maneira ordinária no caso duma remessa interessando duas rôdes exploradas pela Companhia, isto é, atribuindo metade da taxa de manutenção a cada rôde. Assim, a consulta n.º 542 do *Boletim da C. P.* n.º 54 estava certa.

Aquêle Aviso foi substituído pelo A. n.º 428 que diz claramente que os preços são «os preços de transporte por tonelada, aplicáveis por fração indivisível de 10 quilos».

Segundo as disposições dêste Aviso, actualmente em vigor, a taxa na referida consulta será:

A. R.	8\$10
M. D. A. n.º 428.	
Transporte \$00,33 × 6 × 6 =	\$12
Manutenção \$00,5 × 6 × 6 =	\$18
Aviso de chegada	\$55
	\$85
Adicional de 5% (Decreto n.º 9:579). \$05	\$90
Total.....	9\$00

P. 641 — A Comunicação-Circular do Serviço do Tráfego n.º 1173 de 14/3/931, diz que se deve

aplicar aos excedentes de bagagem e recova-
gem o uso de ponte a que se refere o artigo 1.º
do Complemento à Tarifa de Despesas Aces-
sórias.

Isentando-se na estação de Lisboa-T. P. tal
cobrança, pretendo saber se a devo fazer ou
não a qualquer remessa nas condições acima
citadas, que siga para aquela estação.

R. — Pelo facto de, no complemento à Tarifa
de Despesas Acessórias da linha do Sul e Sueste,
não se designarem expressamente as bagagens,
a Comunicação-Circular n.º 1173, de 14 de Março
de 1931, do Serviço do Tráfego, esclarece que
os excedentes de bagagens estão sujeitos às
taxas de *uso de cais e pontes fluviais*, a que se
refere a alínea a) do artigo 1.º para «merca-
dorias de toda a espécie em grande e pequena
velocidade».

A Carta-impressa n.º 766/262/261, de 30 de
Novembro de 1929, do Serviço da Fiscalização
e Estatística, indicou quais as estações fluviais
de Lisboa a que se aplicam as taxas da alínea b)
do mesmo artigo 1.º do referido complemento,
não mencionando Lisboa-T. P.

Portanto, pelas bagagens ou por quaisquer
mercadorias destinadas a Lisboa-T. P., co-
bram-se sempre as taxas da alínea a) mas não
se cobram as da alínea b).

P. n.º 642 — Peço o favor de me ser por-
menorizada a seguinte taxa por haver desacôrdo
sôbre a maneira de a processar:

Um saco com adubo agrícola, peso 30 quilos
e 1 saco com açúcar, peso 50 quilos, de Vila
Franca para Póvoa, em P. V.

R. — :

Distância: 13 Km. :

Adubo agrícola, T. Geral, 4.ª classe, multiplicador 11,
isento do adicional de 10%.

Açúcar, T. Geral, 1.ª classe, multiplicador 6 com o adi-
cional de 10%.

Mínimo de cobrança	$\$16 \times 11 = \dots$	<u>$\\$176$</u>
Manutenção	$\left\{ \begin{array}{l} \text{açúcar } \$01 \times 6 \times 5 = \\ \text{adubo } \$01 \times 11 \times 3 = \end{array} \right.$	$\$30$ $\$33$
Registo e aviso de chegada	\dots	<u>$\\$10$</u>
		<u>$\\$49$</u>
Adicional de 10% s/ 3\$16	\dots	<u>$\\$32$</u>
Arredondamento	\dots	<u>$\\$04$</u>
	Total	<u>$\\$85$</u>

P. n.º 643 — Peço seja pormenorizada a taxa de um vagão com cimento hidráulico, peso 11.880 quilos, carga e descarga pelos donos, de Beja a Ourique, sendo requisitado um encerado, e sendo este vagão uma reexpedição de Martin-gança-Maceira a Beja. Como há discordância sobre se se deve cobrar ou não a verba respeitante às evoluções e manobras à partida de Beja, peço esclarecimentos.

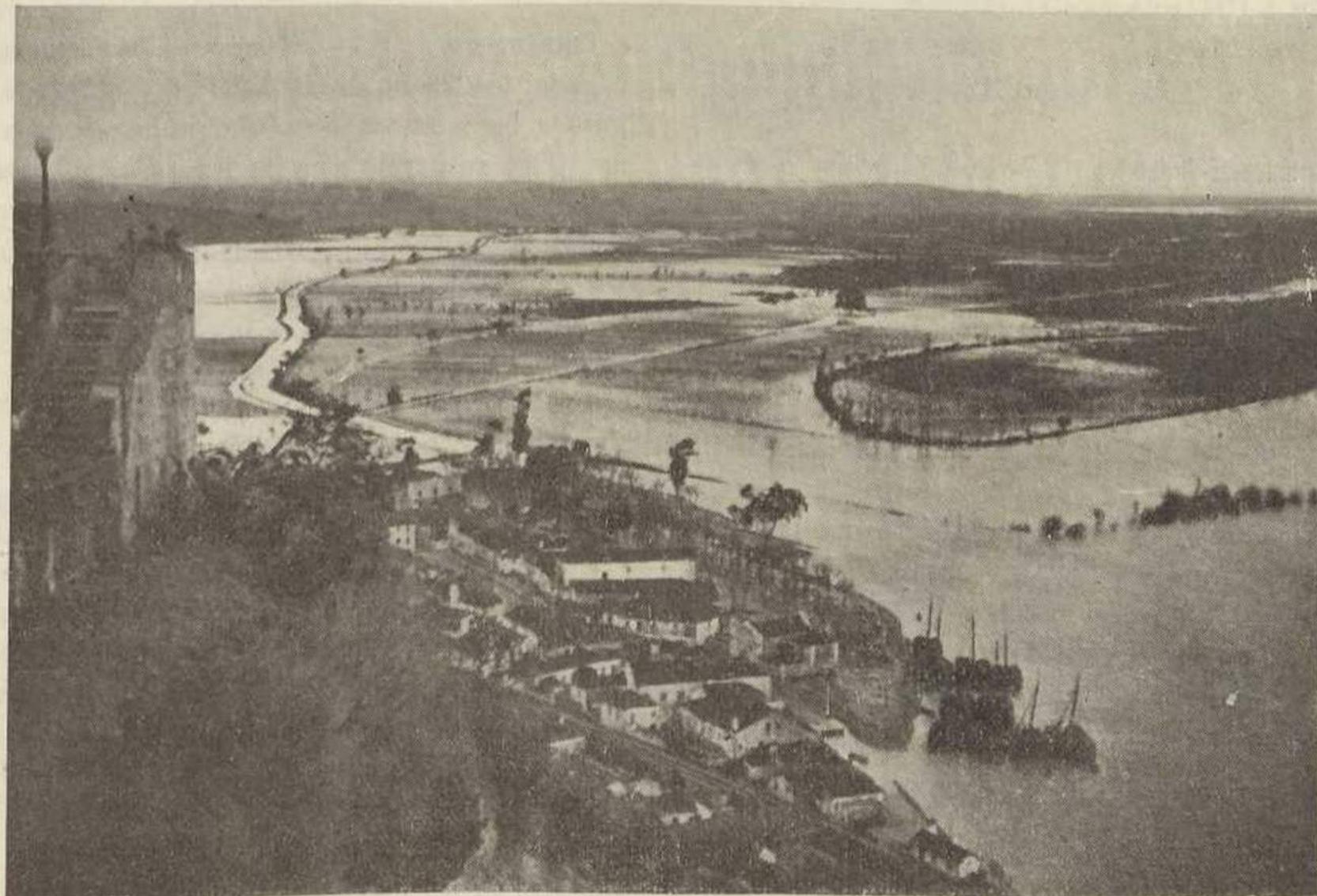
R. — «Reexpedição» é para todos os efeitos uma nova expedição, e sujeita portanto ás taxas de manutenção à partida da estação de reexpedição.

A taxa é feita da seguinte forma:

53 Km. Tabela 9.

$$1\text{,}98 - \frac{1\text{,}98 \times 10}{100} = 1\text{,}78,2$$

Preço 1\$78,2 \times 11 \times 119 =	233\$27
Ev. e manobras \$40 \times 11 \times 119 = ...	52\$36
Impôsto de sêlo	11\$79
Registo, aviso e assistência	1\$25
	<hr/>
	298\$67
Adicional de 10%.....	29\$87
	<hr/>
	328\$54
Adicional de 5%.....	16\$43
Arredondamento	\$03
	<hr/>
Soma	345\$00
Encerado :	
Mínimo de cobrança \$75 \times 11 =	8\$25
Adicional de 10%	\$83
	<hr/>
	9\$08
Adicional de 5%.....	\$46
Arredondamento	\$01
	<hr/>
Soma	9\$55
Total	354\$55



Um aspecto da cheia do Tejo em Santarém, no dia 1 de Março de 1936

*Fotog. de Fernando Augusto Esteves, empregado de 3.ª classe
da Direcção Geral.*

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Públíco A. n.º 484. — Anula os Avisos ao Públíco A. n.ºs 257 e 327, respectivamente de 30 de Julho de 1930 e 21 de Dezembro de 1931, relativos ao transporte de madeiras.

Aviso ao Públíco A. n.º 485. — Anuncia a interrupção na linha entre o Barreiro e Seixal, ficando até novo aviso suspenso todo o tráfego de ou para a estação de Seixal.

Aditamento n.º 32 à Classificação Geral. — Altera o tratamento tarifário das madeiras especificadas no mesmo Aditamento, amplia a zona L., e cria a zona M.

Aditamento à Tarifa Especial n.º 1 — Pequena Velocidade. — Determina as estações de procedência e de destino da zona M criada pelo Aditamento n.º 32 à Classificação Geral.

II — Fiscalização

Comunicação-Circular n.º 8 — Instrui sobre o transporte de peixe em vagões isotérmicos, da Sociedade Frigorífica do Norte de Portugal, Limitada.

Comunicação-Circular n.º 9. — Reproduz o espécime do anexo ao bilhete de identidade para portador de bónus ou passe com as respectivas requisições, anexo que foi estabelecido para as pessoas de família do pessoal operário poderem obter a redução de 75% a que se refere a Ordem da Direcção Geral n.º 242, e dá instruções sobre a maneira de proceder das estações quando lhes forem apresentadas requisições ao abrigo desta concessão.

Comunicação-Circular n.º 10. — Dispensa as estações de discriminar por 1.ª e 2.ª qualidades a tonelagem de carvão mineral nacional, a figurar na nota mensal a que se refere a Comunicação-Circular n.º 2, cuja última parte fica, assim, modificada.

Carta-impresa n.º 19. — Refere-se à redução de 50%, sobre os preços da Tarifa Geral, concedida ao transporte das pessoas que tomaram parte no Congresso da Associação Internacional dos Automóveis Clubes Reconhecidos, realizado em Lisboa, nos dias 12 a 18 de Abril de 1936.

Carta-impresa n.º 20. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade, anexos e bilhetes de assinatura extraviados na 2.ª quinzena do mês de Março de 1936 e que devem ser apreendidos.

Carta-impresa n.º 21. — Comunica ter sido prorrogada até 20 de Abril de 1936 a validade dos passes fornecidos pela Companhia para o ano de 1935, anulando a carta impressa n.º 18.

Carta-impresa n.º 22. — Trata da redução de 50%, sobre os preços da Tarifa Geral, concedida ao transporte das pessoas que tomaram parte na Conferência Hoteleira, realizada em Lisboa, nos dias 28 e 29 de Abril de 1936.

Carta-impresa n.º 23. — Comunica ter sido prorrogada até 25 de Abril de 1936 a validade dos passes fornecidos pela Companhia para o ano de 1935, anulando a carta impressa n.º 21.

Carta-impresa n.º 24. — Relaciona o passe, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena do mês de Abril de 1936 e que devem ser apreendidos.

Quantidade de vagões carregados e descarregados
em serviço comercial
no mês de Abril de 1936

	Antiga Rède		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carre-gados	Desca-regados	Carre-gados	Desca-regados	Carre-gados	Desca-regados
Periodo de 1 a 7...	4.710	4.556	1.748	1.810	2.071	1.731
> 8 a 14...	4.398	4.421	1.694	1.764	1.951	1.086
> 15 a 21...	4.516	4.326	1.773	1.631	2.056	1.657
> 22 a 30...	6.112	5.803	2.730	2.317	2.967	5.320
Total.....	19.736	19.106	7.945	7.522	9.045	10.394
Total do mês anterior	21.043	20.425	8.144	7.676	8.702	7.160
Diferença	-1.307	-1.319	-199	-154	+343	+3.234

Factos e Informações

Reservatório de cimento armado para 400^{m³} de água, em Lisboa-P.

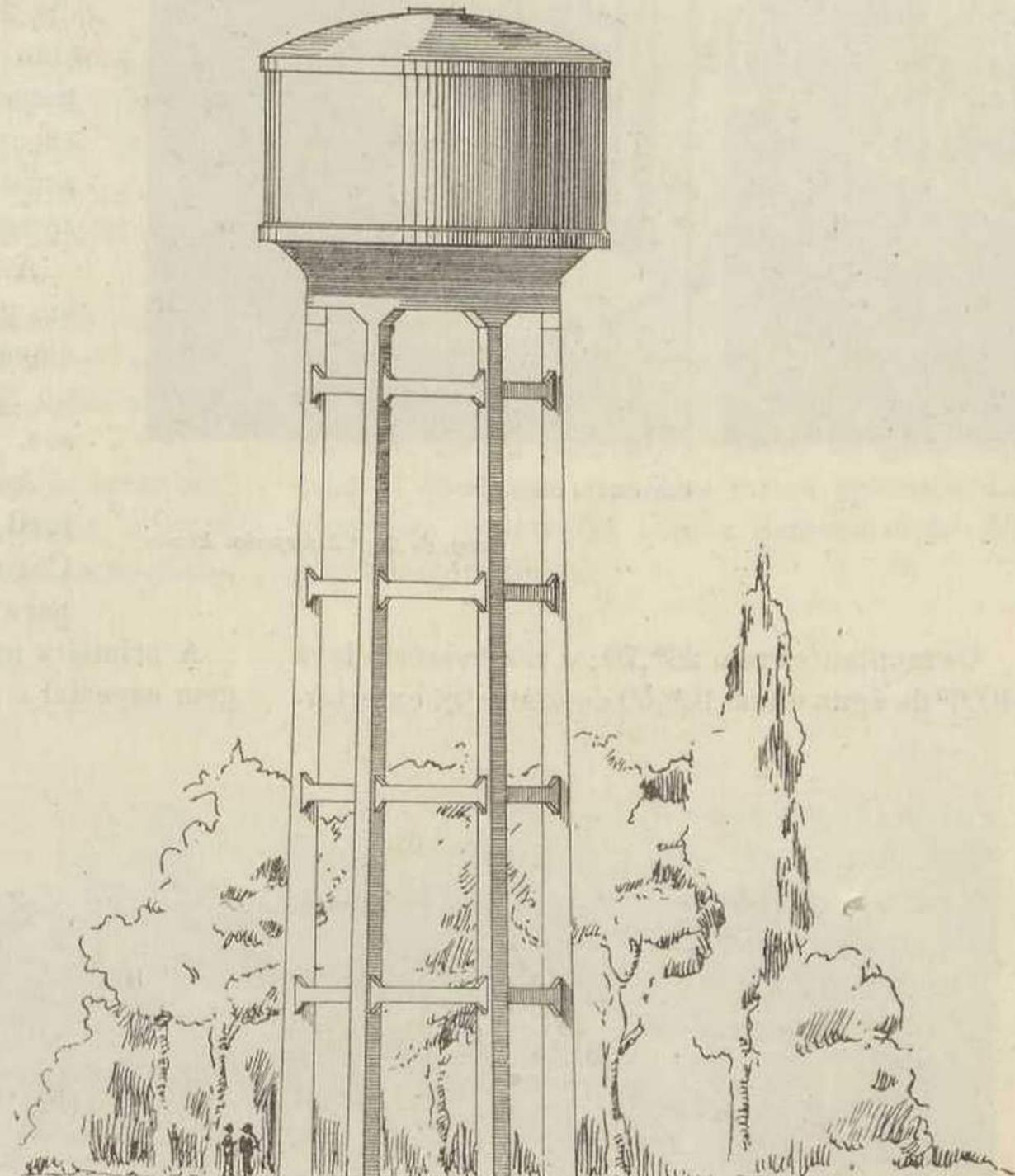
De há muito que se notava certa deficiência no abastecimento de água a todos os serviços e dependências, instalados em Santa Apolónia. Existindo junto à Rotunda de máquinas um furo arteziano, de onde se extraía a água com duas bombas acionadas por motores eléctricos, verificou-se ser necessário que as bombas trabalhassem alternada e permanentemente, para garantir a quantidade de água indispensável. Por outro lado, notava-se que o rendimento do furo tinha tendências a diminuir.

Fez-se o estudo hidrogeológico da região, estudaram-se com minúcia as condições locais e concluiu-se que o rendimento do furo se podia melhorar captando a água a dez metros abaixo do nível do terreno, por meio de uma galeria que a conduzisse do furo a um reservatório ou pôço, de onde seria elevada.

O pôço armazena 200^{m³}, e isto permitiu que, instalando os chupadores das bombas no pôço, elas pudessem trabalhar simultaneamente e produzissem em menos de 8 horas de trabalho, o que antes era difícil e dispendioso conseguir em 24 horas.

Melhoradas, dêste modo, as condições de trabalho das bombas, conseguida a abundância de água, tornava-se

indispensável levar a água da C. P. a todos os pontos onde era necessária, mesmo àqueles onde, até aqui, ela nunca tinha chegado. Conhecidos os pontos mais altos do edifício da estação, projectou-se um reservatório com a altura suficiente para, tendo em atenção as perdas de carga, fazer chegar a água aos pontos citados. O reservatório tem 36^m,72 de altura acima do nível do terreno e deve ser o mais alto do País.



Desenho do reservatório salientando as suas enormes proporções



Uma vista do reservatório

Fotog. do Eng.º Espregueira Mendes

Os montantes têm 26^m,70; o reservatório leva 400^{m³} de água e tem 10^m,50 de diâmetro exterior.

Interiormente, é formado por dois compartimentos que podem estar cheios ou estar um cheio e outro vazio, para limpresa, sem interrupção do abastecimento de água.

Com o novo reservatório, com o antigo e com a água armazenada no poço, constituiu-se uma importante reserva de 1100^{m³} que chega para quase três dias de consumo.

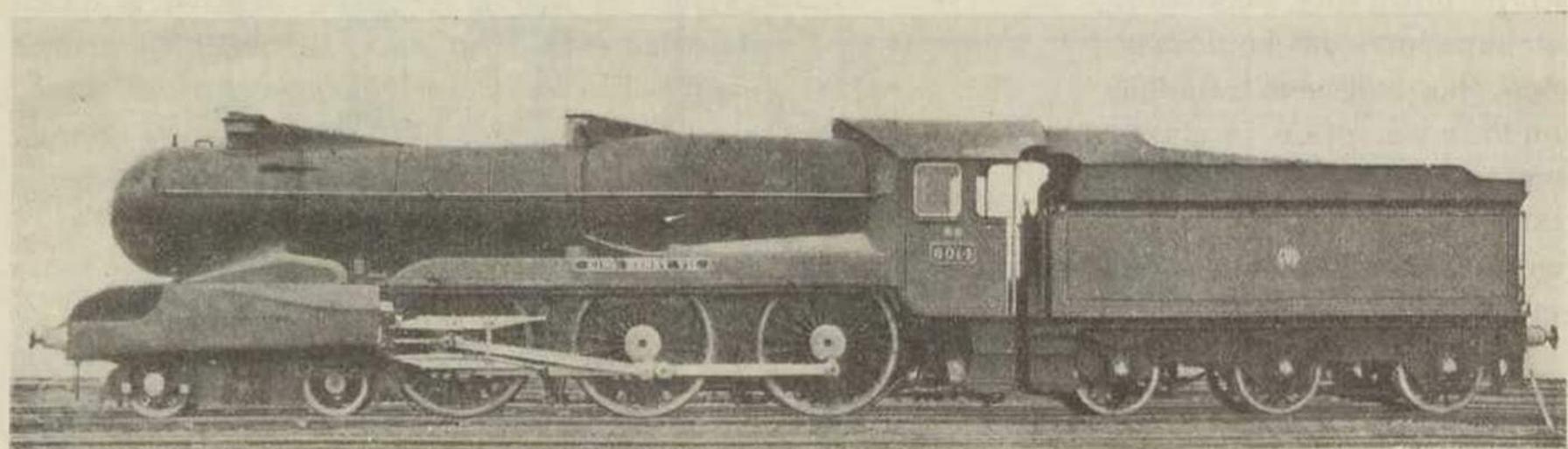
Ateneu Ferroviário

Conforme o *Boletim da C. P.* noticiou, a Banda-Orquestra do Ateneu Ferroviário, sob a regência do Maestro Serra e Moura, realizou no dia 26 de Abril, um concerto no Casino do Estoril para cujo brilhantismo muito concorreu, além da execução primorosa, as condições acústicas do Salão de Festas, onde se realizou.

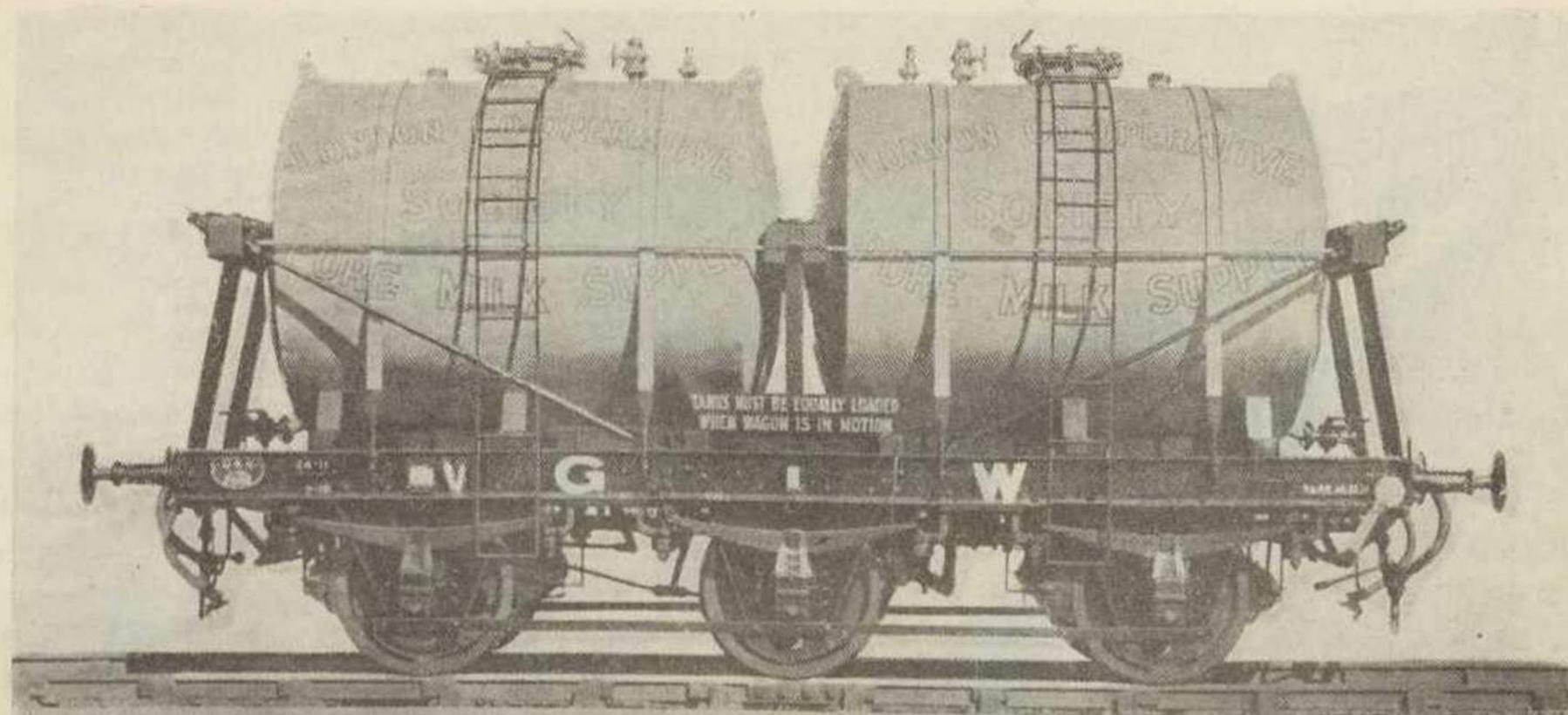
A selecta assistência, composta em grande parte por estrangeiros de elevada situação social, dispensou no final de cada peça fartos aplausos.

As Direcções da Sociedade Estoril, Sociedade Estoril Plage e do Casino Estoril fôram amabilíssimas para com o Ateneu.

A primeira pôs à sua disposição uma carruagem especial e prestou-lhe todas as facilidades.



Uma das locomotivas aerodinâmicas da «Great Western Railway»



Um vagão especializado para transporte de leite, pertencente à «Great Western Railway»

As restantes tiveram, para com os músicos e Directores do Ateneu, requintes de gentileza.

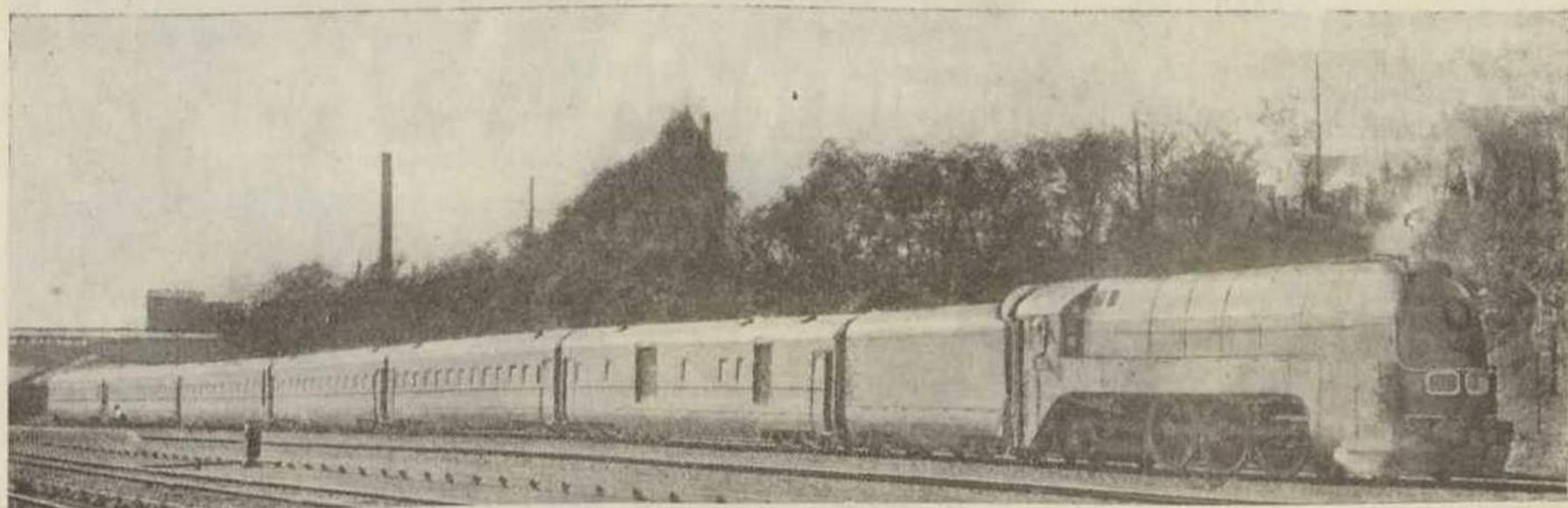
Na estação do Estoril aguardava-os, em nome destas entidades, o distinto violinista Paulo Manso que lhes apresentou os cumprimentos e os acompanhou ao Casino.

Depois do concerto foi oferecido, aos componentes da Banda e membros da Direcção que a acompanhava, um finíssimo lanche.

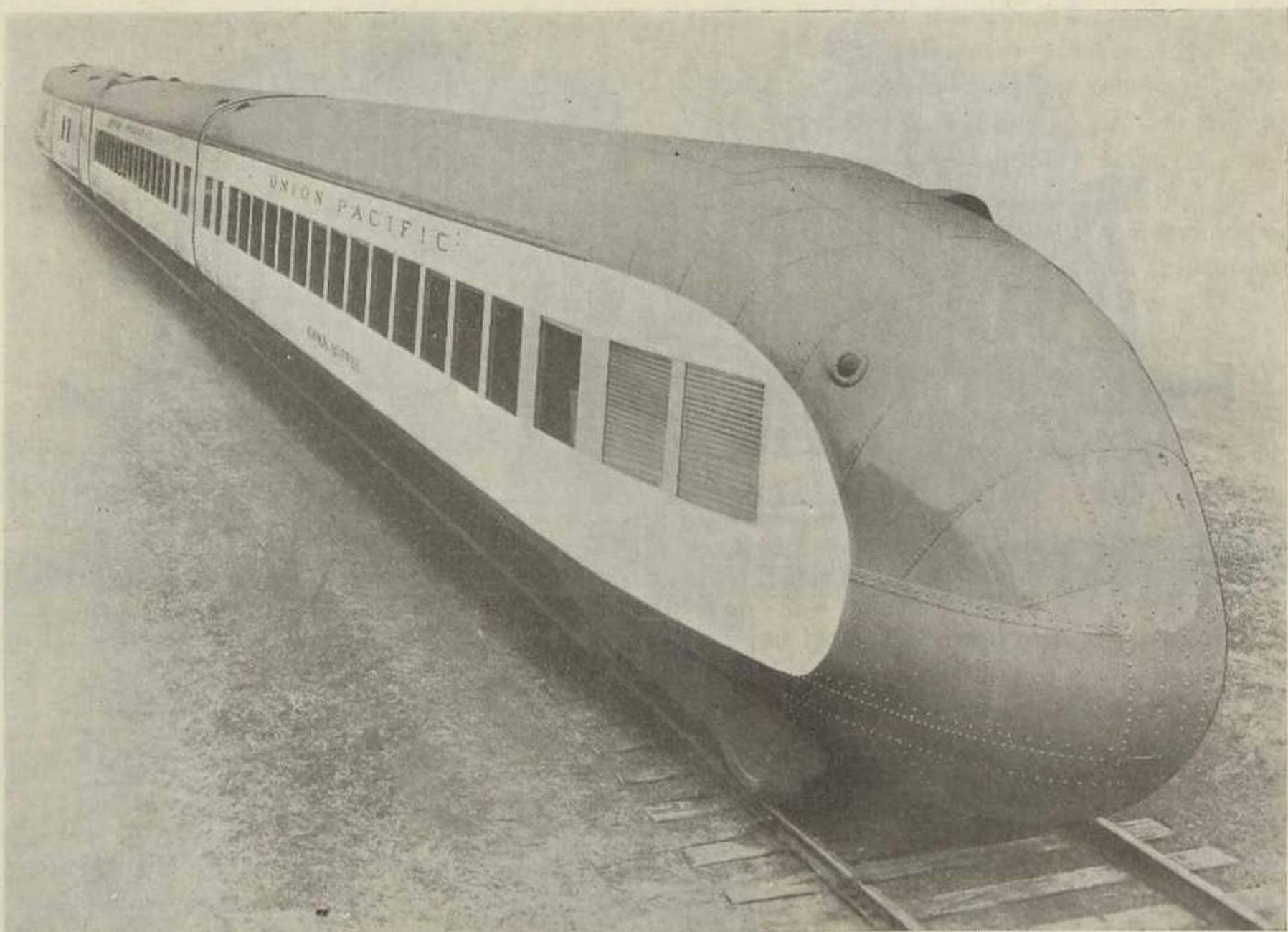
Houve troca de brindes, tendo-se levantado vivas ao Sr. Fausto de Figueiredo, a quem em especial o Ateneu deve a sua ida ao Esto-

ril, e ao Conselho de Administração e Director Geral.

A Banda-Orquestra que, como já noticiámos, abrillantou a inauguração do Dispensário Antituberculoso em Entroncamento, deu, também, no dia 23 de Maio um concerto na Sociedade de Geografia, na festa promovida pelo jornal *Os Sports*, que foi extraordinariamente concorrida. Nesse festival, a classe de ginástica infantil do Ateneu recebeu fartos aplausos da numerosa assistência com a demonstração da ginástica eurítmica.

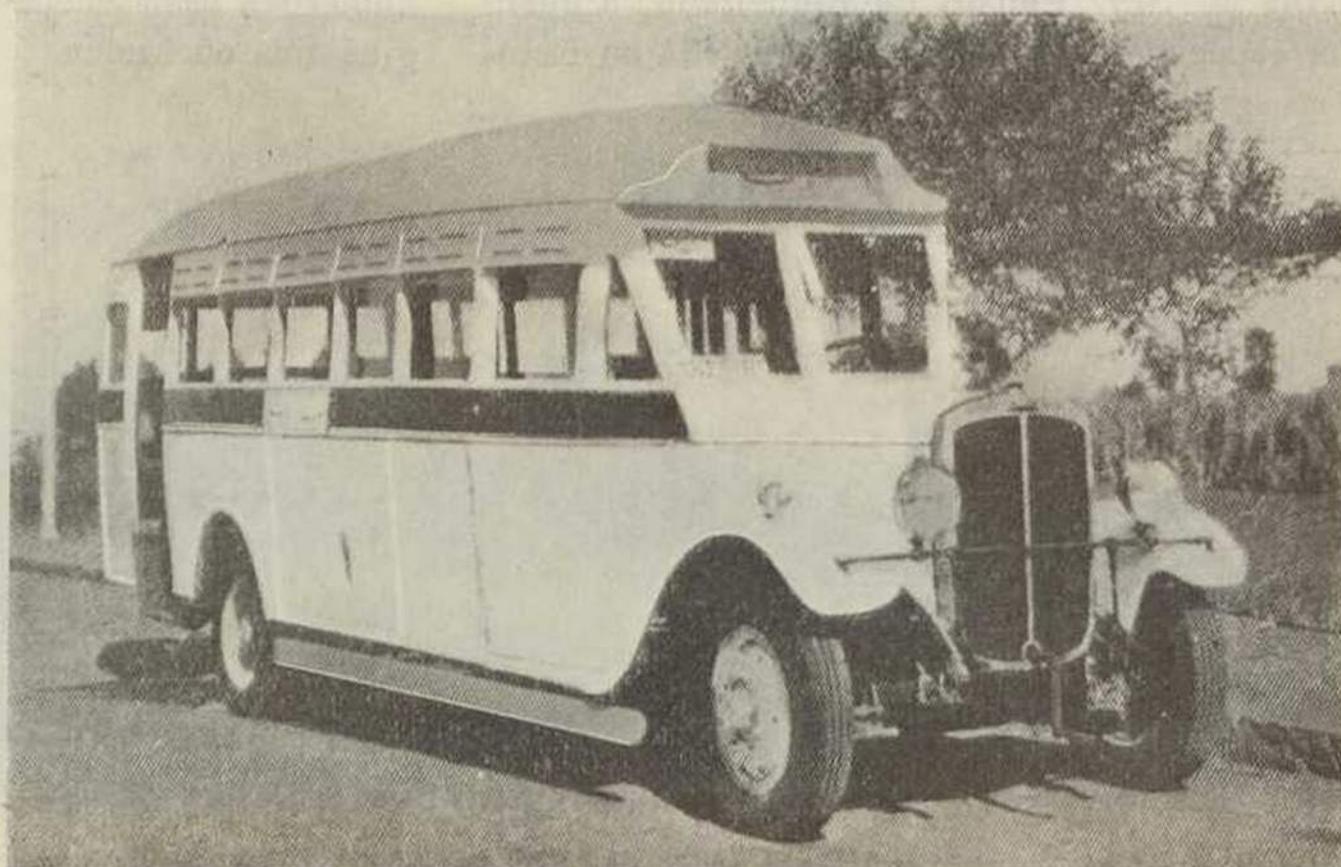


Um comboio expresso dos caminhos de ferro do sul da Manchúria (Ásia)



O combóio de passageiros construído pela afamada Companhia «Pullman» para a *Union Pacific*, uma das mais importantes empresas ferroviárias dos Estados Unidos da América do Norte. Este combóio é feito de uma liga de alumínio e pesa tanto como uma simples carruagem-cama «Pullman».

A camionagem no Egípto.
Uma das novas 24 caminhetas de passageiros que os Caminhos de Ferro do Estado Egípcio utilizam nas suas carreiras. Estes veículos têm acomodações, em compartimentos diferentes e servidas por entradas próprias, para passageiros europeus e indígenas.



Pessoal.

Agradecimentos

Pedem-nos a publicação dos seguintes agradecimentos:

«Francisco dos Santos Noro, factor de 1.^a cl., em Esmoriz, vem por este meio agradecer a todos os colegas, sem excepção, que acompanharam no dia 14 de Março o funeral de sua esposa.»

«A família do Chefe Reformado Principal Joaquim Maria Pintão, vem profundamente reconhecida agradecer a todos os agentes sem distinção de categorias que se incorporaram no seu funeral.»

«José Marques Júnior, factor de 3.^a cl., agradece em nome de sua família, a tôdas as pessoas que se interessaram pelas melhorias de seu pai, durante a sua doença e bem assim a todos os ferroviários da estação de Faro, que se incorporaram no seu funeral realizado naquela cidade no dia 3 de Maio passado.»

Actos dignos de louvor

É digno de louvor o acto praticado pelo carregador reformado, Snr. Manuel Fernandes, que, tendo em 28 de Março passado, notado um desabamento de terras e pedras em grande volume na trincheira existente ao quilómetro 109,840 Douro, correu imediatamente a prevenir do facto o chefe da estação de Bagaúste evitando, dêste modo, um desastre ao comboio 721.

Registamos, também, com prazer êstes dois actos de honestidade que a seguir relatamos:

Quando o chefe do 2.^o lanço, interino, da 8.^a secção, Snr. Afonso Bernardo, efectuava no dia 3

de Fevereiro a inspecção à linha, encontrou a importância de Esc. 10\$00 que imediatamente entregou ao chefe da estação de Rio Tinto.

Quando, no dia 12 de Maio passado, o Snr. Camilo de Sousa, artífice de 5.^a classe na 1.^a Secção da Inspecção dos Serviços Eléctricos, procedia à revisão da iluminação de uma carroagem do comboio n.^o 902, encontrou um pequeno aparelho de telefonia, que imediatamente entregou na secção a que pertence.

Exames

EXPLORAÇÃO

Os praticantes de estação, aprovados nos exames para aspirantes realizados em Abril último, foram os seguintes:

Distintos: Carlos Alberto Nunes, Fernando Mota Velez, José Pimenta Raimundo e Arcílio Barbosa Marques.

Aprovados: José Martins dos Santos, Francisco Pio Pereira Godinho, Manuel Henriques Veras, José Caetano Gonçalves Veríssimo e Eugénio Paixão Ruivo.

VIA E OBRAS

Os assentadores de distrito, aprovados nos exames para sub-chefes de distrito realizados em Abril findo, no Entroncamento, foram os seguintes:

José de Oliveira Rosa, José M. Vaz, Joaquim Romão, José de Oliveira, António Couceira, José Joaquim Teixeira, Francisco Pinto Morinha e António Pereira.

O assentador José de Oliveira Rosa foi premiado pecuniariamente, por ter sido classificado em 1.^o lugar.

Promoções

Mês de Abril

EXPLORAÇÃO

Capataz de 2.ª classe: Duarte Bispo.
Agulheiro de 1.ª classe: Joaquim da Guia.
Agulheiro de 2.ª classe: António Lopes.
Agulheiros de 3.ª classe: Hipácio Rodrigues de Sousa Valente, Serafim Cabrita, José Manuel Pinto e António Joaquim.
Conferente: José Ferreira de Abreu.

AGENTES QUE COMPLETAM
40 ANOS DE QUADRO

António Joaquim Ribeiro

Inspector na 4.ª Circunscrição
Admitido como praticante de estação
em 25 de Novembro de 1891



Salvador Simão

Guarda de estação em Coimbra B
Admitido como carregador suplementar
em 26 de Maio de 1896

Nomeações

Mês de Abril

EXPLORAÇÃO

Empregada de 3.ª classe: Eugénia Alves.
Engatador: Floriano António Pimenta.
Guardas de estação: Julião dos Santos, Joaquim Abel Mendes, Alfredo da Conceição Costa, José Grijó e António Lopes.

Carregadores: Mário de Magalhães, Arlindo Monteco, José da Silva, Miguel Soares de Sousa, Adelino Machado, Manuel Martins de Moura, José Faustino da Silva Lopes, Domingos de Oliveira, Mário Augusto Polido, Martinho da Cunha Mendes, António Teixeira de Queiroz, António Roque, Adriano Rodrigues Polónio, Joaquim dos Santos, Francisco Martins Ferreira, Francisco Oliveira Lima, Franquelim Monteiro, Albino de Almeida, Abílio Cardoso da Cunha e Luís Pinto.

VIA E OBRAS

Nomeado para o quadro, a partir de 1 de Janeiro passado, o Arquitecto José Angelo Cottinelli Telmo.

Assentadores: Manuel Teixeira e João Martins.

MATERIAL E TRACÇÃO

Escríturário de 3.ª classe: Rúi Guimarãis Fernandes.

Reformas

Mês de Março

EXPLORAÇÃO

Francisco Pereira Ganaipo, Capataz de 2.ª classe.

João de Assunção Matos, Arquivista principal.

Jáime Alfredo da Silva, Chefe de 3.ª classe.

Paulo da Cunha Balsemão, Fiel de estação.

José Maria Monteiro de Quina Almeida, Escriturário principal.

João Cândido Simões Penalva, Fiel de 1.ª cl.

Manuel Marques, Guarda freio de 1.ª classe.

Artur Armando da Fonseca, Conferente

Salvador Augusto, Guarda de estação.

Francisco André, Carregador.

MATERIAL E TRACÇÃO

José Manuel Ribeiro, Maquinista de 2.ª classe.

VIA E OBRAS

Artur do Nascimento Polido, Chefe de distrito.

Rodrigo Pereira, Assentador de distrito.

Mudanças de categoria

EXPLORAÇÃO

Para:

Empregada de 2.ª classe: A bilheteira de 2.ª classe, Maria da Conceição Gonçalves.

Guarda de estação: O agulheiro de 3.ª classe, José Pereira Lopes.

VILA
REAL

△ △

Capela nova

▽ ▽



*Fotog. do Eng.º Ferrugento
Gonçalves.*

Falecimentos

Mês de Abril

EXPLORAÇÃO

† *Bernardino Ferreira Matinha*, Agulheiro de 2.ª classe, de Pôrto.

Admitido como Carregador eventual em 20 de Dezembro de 1913, foi promovido a Agulheiro de 3.ª classe em 14 de Junho de 1924 e a Agulheiro de 2.ª classe em 21 de Julho de 1929.

† *Vicente Alegria Afonso*, Guarda de estação de Tôrre das Vargens.

Nomeado Carregador em 3 de Julho de 1906, foi passado a Guarda de estação em 21 de Dezembro de 1927.

† *Francisco Faustino*, Guarda de estação de Elvas.

Nomeado Carregador em 9 de Março de 1904 e Guarda de estação em 21 de Julho de 1934.

† *António Emílio de Oliveira*, Carregador, de Aguas de Moura.

Admitido como Carregador auxiliar em 9 de Agosto de 1918.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Manuel Gregório Guedes*, Fogueiro de 1.ª cl. no Depósito de Campanhã.

Admitido em 4 de Outubro de 1916, como Limpador de máquinas provisório e promovido a Fogueiro de 1.ª classe em 11 de Maio de 1924.

† *Manuel Moreira França*, Fogueiro de 2.ª cl. no Depósito de Campanhã.

Admitido em 26 de Agosto de 1927, como Ajudante de montador, nomeado Montador de 5.ª cl. em 26 de Outubro de 1927 e promovido a Fogueiro de 2.ª classe em 1 de Julho de 1935.

† *Teodoro de Abreu Ramos*, Limpador na Revisão de Material Circulante de Lisboa.

Admitido em 21 de Fevereiro de 1900, como Limpador de carruagens suplementar.

VIA E OBRAS

† *Carlos de Castro Sá de Mendonça*, Sub-chefe de Repartição da Secção de Expediente e Arquivo.

Admitido como Escriturário auxiliar em 19 de Julho de 1917, nomeado Empregado em 1 de Janeiro de 1920, promovido a Empregado principal em 1 de Janeiro de 1926, a Chefe de secção em 1 de Julho de 1927 e a Sub-chefe de repartição em 1 de Janeiro de 1936.

† *Joaquim da Silva*, Capataz do G. P. Permanente da 4.ª Secção.

Admitido com esta categoria em 21 de Fevereiro de 1924.

† *José Bento Padrão*, Creosotador do G. P. Permanente do Depósito de Materiais.

Admitido com esta categoria em 21 de Março de 1925.

† *Sabina Maria*, Guarda do distrito 89.

Admitida como Guarda em 26 de Setembro de 1901.

† *Eugénia Rodrigues Portela*, Guarda do distrito 425.

Admitida como Guarda nos Caminhos de Ferro do Estado em 1 de Novembro de 1918.

† *Maria Jorge*, Guarda do distrito 111.

Admitida como Guarda em 21 de Dezembro de 1908.



† *Carlos de C. S. de Mendonça*
Sub-Chefe de Repartição



† *Manuel Gregório Guedes*
Fogueiro de 1.ª classe



† *Teodoro de Abreu Ramos*
Limpador de carruagens



† *Francisco Faustino*
Guarda de estação

FA

6 Letras

Vasconcelos

Duplas

11 — Quem comete desonra merece um *insulto* — 3.

Roldão

(Ao meu mano «Romalto»)

12 — Sê ajuizado e prudente — 4.

Roldão

13 — A arte de concertar ossos deslocados é para mim
uma *acus*a imcompreensivel — 3.

Labina

14 — O valor de combinação foi feito numa «cidade» — 4.

Otrebla

Em frase

15 — Defendi por piedade o paralítico — 2-1.

Roldão

16 — Fez uma acção ruim o maltrapilho por ser um
homem de baixa condição — 1-2.

Vasconcelos

17 — A favor da agricultura, trabalham os homens mais
importantes de uma nação — 1-2.

Theseu

Letra

Desfrute

Embarcação

Planura

Grande cesto cilíndrico

Livro de versos de A. Corrêa d'Oliveira

Letra

Britabrantes

Sincopadas

19 — 3-A ave *implume* não tem *nenhum* valor — 2.

Mefistófeles

20 — 3-Ofereci uma «pedra preciosa» a uma «mulher» — 2.

Marquês de Carinhas

21 — 3-As capas do *livro dos ofícios da semana santa*
são feitas de tecido de lã com o pêlo encrespado e curto — 2.

Sardanápal

22 — 3-Encontrei no terreno alogadiço um sapato de
«mulher» — 2.

Vasconcelos

23 — 3-A ave aquática foi apanhada com o «instru-
mento» — 2.

Visconde de la Morlière

Tabela de preços dos Armazéns de Viveres, durante o mês de Junho de 1936

Géneros	Preços	Géneros	Preços	Géneros	Preços
Arroz Nacional... kg. 2\$70 e	2\$75	Farinha de trigo 1.17 kg.	2\$15	Sabão amêndoа	1\$30
» Valenciano kg	2\$80	Farinheiras »	6\$50	» Offenbach... 2,30	2\$70
Assucar de 1.º Hornung 1,20	4\$35	Feijão amarelo ... lit.	1\$60	Sal..... lit.	516
» 1.º manual . 1,00	4\$15	» branco 1\$60 e	1\$70	Sêmea..... kg.	555
» 2.º Hornung 1,10	4\$10	» frade..... 1\$50 e	1\$25	Toucinho »	5\$30
» 2.º manual . 3,90	3\$90	» manteiga..... lit.	1\$80	Vinagre lit. 575 e	580
» pilé 1,20	4\$25	Grão »	1\$40	Vinho branco-Em Campanhá. lit.	585
Azeite de 1.º lit.	7\$00	Lenha kg.	520	» » -Em Tunes »	580
» 2.º »	6\$40	Manteiga »	16\$00	» » -Rest. Armazens »	575
Bacalhau inglês kg. 3\$900, 4\$95 e	5\$50	Massas »	3\$40	» tinto-Em Gai. »	1\$05
» sueco. kg. 4\$40 e	4\$60	Milho lit	575	» » -Em Campanhá ... »	585
Banha..... kg	6\$40	Ovos duz. variável	10\$00	» » -Em Tunes »	580
Batatas..... » variável		Presunto..... kg.	10\$00	» » -Restant. Armazens »	575
Carvão sôbro kg. 550, 555 e	560	Petróleo-Em Lisboa ... lit.	1\$10		
Cebolas..... kg	575	» rest. Armazens »	1\$15		
Chouriço de carne »	13\$00	Queijo flamengo ... 22\$50 e	24\$20		
Far.º de milho..... »	1\$10	» da Serra kg.	11\$50		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazém do Barreiro
são acrescidos do impôsto camarário.

Além dos géneros acima citados, os Armazéns de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congéneres e mais, tecidos de algodão, atoalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmalorado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O Boletim da C. P. tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números d'este Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um Fundo destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (Boletim da C. P.).